

PROPAGANDA POLÍTICA E COMUNICAÇÃO DE MASSA:

UM ESTUDO DE CASO DA UTILIZAÇÃO DA IMPRENSA NA GUERRA DE CANUDOS

Orientador: Fernando Prestes Motta
Orientando: Roberto Camargo Leite Moreira

1. PRÓLOGO.....	3
2. INTRODUÇÃO	7

PARTE I — PROPAGANDA POLÍTICA E IDEOLOGIA

3. IDEOLOGIA.....	9
4. APARELHOS IDEOLÓGICOS.....	12
4.1. APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO (A.I.E.).....	12
5. UTILIZAÇÃO DA PROPAGANDA POLÍTICA E IDEOLÓGICA NO MUNDO	14
5.1. REVOLUÇÃO INGLESA	15
5.2. A RELIGIÃO COMO FUNDAMENTO DA IDEOLOGIA	16
5.3. A FILOSOFIA COMO FUNDAMENTO DA IDEOLOGIA	19
5.4. DIFERENTES CLASSIFICAÇÕES DA ELITE.....	19
5.4.1. <i>Elite Econômica</i>	20
5.4.2. <i>Elite Agrária</i>	23
5.4.3. <i>Elite Política</i>	24
6. EXPERIÊNCIAS DE CONTROLE DA MENTE.....	26
6.1. CONTROLE DA MENTE	26
6.2. ORIGENS DO COMPORTAMENTO	31
6.3. PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA.....	32
6.3.1. <i>A Filosofia Empirista e a Racionalista</i>	36
6.4. ESTÍMULOS ELÉTRICOS NO CÉREBRO (EEC).....	37
7. BARREIRAS SENSORIAIS DO CÉREBRO E NOVAS TECNOLOGIAS X ÉTICA DO ESTADO.....	38
8. O ESTADO E SUA EVOLUÇÃO — UMA ANÁLISE COMPARADA DE MARX, WEBER, KEYNES, E HAYEK (NEOLIBERALISMO).....	40
8.1. TEORIA DO ESTADO.....	40
8.2. PERSPECTIVA WEBERIANA.....	40
8.3. PERSPECTIVA DE MARX	42
9. ANÁLISE DO FILME “THE MANCHURIAN CANDIDATE”	45

PARTE II — ESTUDO DE CASO

10. EUCLIDES DA CUNHA — IDEÓLOGO DO REPUBLICANISMO	55
11. CANUDOS: PAPEL DA IMPRENSA	58
12. HISTÓRIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO E DA COMUNIDADE DE CANUDOS.....	62
12.1. ANTÔNIO CONSELHEIRO.....	62
12.2. ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL.....	63
12.3. A TRANSMUTAÇÃO DE ANTÔNIO VICENTE PARA ANTÔNIO CONSELHEIRO.....	68
12.4. CANUDOS	73
13. BIBLIOGRAFIA	79

1. Prólogo

Dou por iniciada minha iniciativa de lhes contar, colegas cientistas e futuros pesquisadores, companheiros daquilo que considero compartilhar como sendo um sentimento motivador para a curiosidade; busca pela elucidação de questões da realidade que nos intrigam, para estes, estou dispondo-me a discorrer um pouco a respeito de algumas ocorrências pregressas, algumas relações econômico-político-ideológicas atuais e algumas projeções — as quais espero sincera e esperançosamente que não se verifiquem — para o futuro, caso nos encaminheemos na senda que se nos abre com o advento de tecnologias eletrônicas geradoras de influências psicossomáticas e o uso de técnicas de engenharia genética, clonagem, etc., aliadas a um sistema econômico dominado em grande parte pelos agentes do mercado, insensíveis, inabaláveis, inatingíveis aos apelos de compaixão provenientes da grande parcela de excluídos — ou parcialmente excluídos — do atual sistema social.

Gostaria de iniciar minha dissertação acerca do conceito de Ideologia. O que é Ideologia ? Como ela nos atinge e nos influencia ? Quais são seus agentes e seus meios de difusão ?

Considerar-me-ei satisfeito se puder lograr esclarecer, obviamente que de maneira modesta e relativamente incompleta, algumas das indagações feitas acima acerca deste complexo conceito que, como teremos a oportunidade de verificar adiante, nos envolve a cada momento, a cada nova teoria que aprendemos, a cada notícia que nos é veiculada, e que tem o poder, de maneira inconsciente ou consciente de nossa parte, de influenciar mesmo os padrões reacionais e comportamentais que adotaremos frente aos diversos estímulos provenientes do nosso meio ambiente social.

Seria excelente poder tratar de todos os temas que abordo de maneira mais abrangente, uma vez que eles estão interrelacionados por liames que ultrapassam a simples categorização tópica estanque. De fato, apresentam similaridades e uma

linearidade surpreendente quando deslindados de maneira analítica perante os olhos do leitor.

Com isso quero dizer : qual seria à primeira vista, a relação entre Canudos e Controle da Vontade ? Ou então sobre Propaganda Política e o Projeto HAARP? Que tal Getúlio Vargas e Canudos ?¹

Em um primeiro momento tenho que concordar com um leitor incauto que, com razão, objetaria a estas relações dizendo que simplesmente elas não existem, ao que eu poderia retorquir afirmando que as relações existem, entretanto os liames estão mais distantes e são mais difíceis de se perceber do que se costuma empreender em um trabalho acadêmico, ou mesmo em um livro independente, e ainda, contraria aquela divisão temática de que a metodologia científica costuma propugnar que se faça.

Por exemplo, a respeito de Canudos e Controle da Vontade, poderia destrinçar minha linha de raciocínio de maneira a alinhar o movimento de Canudos com a ameaça que este movimento representava para os oligarcas e coronéis da região próxima onde se estabeleceu Antônio Conselheiro e seu séquito.

Avançaria traçando um paralelo entre a proximidade existente entre os interesses de uma classe detentora do poder político-econômico e aqueles de uma classe detentora dos meios de comunicação, talvez identificando-os como sendo, freqüentemente, de uma mesma classe social.

Prosseguiria o raciocínio, então, discorrendo a respeito dos efeitos que uma manipulação das informações pode lograr em uma população que se vale, em grande parte, destas informações para estabelecer seu julgamento a respeito de fatos e ocorridos longínquos, ou mesmo fatos e ocorridos próximos do leitor/ telespectador/ ouvinte — ou mais simplesmente: **Receptor da Mensagem.**

¹ HAARP: iniciais para High Frequency Active Aurora Research Project, projeto de pesquisa do Departamento Militar norte-americano que emite ondas eletromagnéticas para a atmosfera.

Para então, feitas todas as considerações acima e acrescentando ainda outras contendo maiores detalhes psicológicos, sociais e econômicos, finalmente asseverar que: **sim seria possível estabelecer uma forma de controle da vontade de uma população acerca do movimento de Canudos, através do uso de técnicas de manipulação da informação veiculada nos meios de comunicação.**

A série de conexões lógicas formuladas com vistas a estabelecer a outra relação – Propaganda Política e o Projeto HAARP – poderia ser iniciada com a definição de Propaganda Política, o estabelecimento de suas “leis de funcionamento”, prosseguindo com a indagação acerca de até onde podemos dizer que ela logra seus intentos e até que ponto ela se torna ineficaz.

A partir daí pode-se estabelecer parâmetros históricos acerca das utilizações destas técnicas por diversos governos, em épocas e países distintos.

Perscrutando particularmente a história contemporânea poderemos identificar uma série de exemplos interessantes, tais quais os estudos efetuados pela CIA sobre controle da mente, assinalados nos diversos projetos e sub-projetos sob a sigla MKULTRA, MONARCH, e outros. Adentrando também nos estudos empreendidos pela KGB durante a Guerra Fria, a respeito do uso de ondas eletromagnéticas sobre o corpo humano, e seus efeitos em termos comportamentais² e físicos, bem como na utilização e desenvolvimento de técnicas de “remote viewing” por pessoas operando para o serviço de inteligência.

Se vislumbrarmos que existe uma proximidade lógica e de propósito entre a utilização da Propaganda Política e a utilização de técnicas de controle da mente — ambas as técnicas visam influir no comportamento do sujeito receptor, com a diferença que uma se dá por vias lícitas, as quais não prescindem da voluntariedade do sujeito, e outra se dá por vias, em muitos casos, ainda ilícitas e que prescindem do livre-arbítrio

² Abordando inclusive as experiências perpetradas pelos russos na embaixada dos Estados Unidos em Moscou, nas quais se lançava ondas eletromagnéticas de frequência e amplitudes moduladas em direção da embaixada, produzindo em seus funcionários náusea, tontura e outros efeitos físicos e psicológicos.

do sujeito — podemos dizer que um Estado que não se fia por princípios éticos e morais, e cujos controles institucionais são frágeis e cujas instituições governamentais não estão submetidas à prestação de contas mais próxima por parte dos cidadãos — ou *Accountability* — poderá este Estado lançar mão igualmente de ambos os recursos, visando o controle de sua população e a perpetuação no poder por parte daquela elite dominante.

Sob a luz desta situação factível, tendo em vista os exemplos históricos e tendo em vista os objetivos práticos de manutenção do poder muito bem delineados, a questão que se nos impõe para a análise não diz respeito mais a questões de ordem ética ou moral, por conseguinte, mas de ordem tecnológica.

Neste sentido os estudos realizados por inúmeros pesquisadores a respeito do controle da mente através de estímulos químicos, elétricos e psicológicos nos serve de maneira muito eficaz.

Destacando um estudo que se tornou clássico por abordar não somente o aspecto técnico do controle da mente, mas principalmente por aprofundar sua análise também sobre os efeitos morais de uma utilização em larga escala da tecnologia pesquisada, lograremos grandes resultados em termos de impacto gerado no leitor.

Este trabalho é o do Dr. José M. Delgado, chamado *O Controle Físico do Espírito: rumo a uma sociedade psico-civilizada*, elaborado em finais da década de 60, que descreve suas experiências com implantes elétricos no cérebro de animais, a estimulação elétrica da ordem de miliamperes em certas regiões específicas, e sua ulterior análise dos resultados obtidos, em termos de comportamentos gerados, ou ainda estados de ânimo produzidos artificialmente.

2. Introdução

Neste trabalho nos propomos a tratar de um tema extremamente abrangente e ao mesmo tempo complexo por seu caráter subjetivo, como é a comunicação, e, mais especificamente, os meios de comunicação de massa e a propaganda política, sob o pano de fundo da Guerra de Canudos e a maneira em que foi utilizada a imprensa na época do conflito para produzir uma predisposição favorável ao massacre na opinião pública.

Para isto obviamente que tivemos que encurtar a profundidade da análise dos temas uma vez que, embora o tema seja de uma riqueza e dificuldade de tratamento enorme, considero que não seria viável.

PARTE I

PROPAGANDA POLÍTICA E IDEOLOGIA

3. Ideologia

Antes de tudo devemos tentar definir , mesmo que sumariamente , o conceito de Ideologia para , posteriormente , prosseguirmos com a discussão de como a Ideologia pode ser transmitida através dos Aparelhos Ideológicos do Estado (A.I.E.) ; quem são aqueles que detêm o poder sobre estes aparelhos ; como se dá a elaboração da mensagem para melhor absorção por parte dos receptores.

A Ideologia é um conjunto de idéias , valores e representações do mundo de que nos valemos para orientarmo-nos em relação à , por exemplo , que atitude concreta tomar em determinada situação , a que concepções políticas adotaremos e apoiaremos , etc , enfim a Ideologia define nossa própria concepção da realidade que nos cerca e da maneira que inserimo-nos a ela na sociedade (nosso “papel social”).

Segundo Karl Marx em A Ideologia Alemã , a Ideologia , por fazer parte do mundo das idéias , é concebida como pura ilusão , puro sonho , assemelhando-se ao conceito aceito pelos psicólogos anteriores a Freud . Para estes o sonho era um “imaginário vazio e nulo , construído a partir de resíduos da realidade cheia e positiva , a do dia”. Toda sua realidade estabelece-se , portanto , fora de si própria .

Deparamo-nos agora com uma proposição paradoxal a respeito da Ideologia .

A Ideologia não tem história , uma vez que provém da mente , conseqüentemente possui uma ligação orgânica com o mundo das idéias e dos sonhos e , por sua vez , os sonhos são produtos do inconsciente que , segundo Freud , é eterno , isto é , transcende a toda a história.

Por outro lado , as Ideologias tem uma história própria , no sentido em que as Ideologias , como sistemas de valores próprios a cada classe social , acompanham estas através do desenvolvimento histórico deflagrado pela luta de classes através dos tempos.

Mesmo que sua existência esteja fora de si própria , ela resplandece ao mundo através de ações e atitudes concretas tomadas pelos próprios agentes da história e desta forma a Ideologia , seja ela política , moral , filosófica , religiosa , jurídica , etc , adquire materialidade e , portanto , adquire história própria .

O escritor Louis Althusser no seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* define que “não são as condições de existência reais, o seu mundo real , que os homens se representam na Ideologia , mas é a relação dos homens com estas condições de existência que lhes é representada na Ideologia” , com esta proposição Althusser retoma a idéia de Feuerbach de que os homens fazem uma representação alienada (= imaginária) das suas condições de existência porque , fundamentalmente , estas próprias condições de existência são em si alienantes.

A Ideologia ao agir constitui **sujeitos** , ou seja , uma Ideologia , pelo fato de somente adquirir existência material própria na medida em que inculca crenças , representações e que produz atos concretos , deve atingir a consciência dos indivíduos , que passam então a aceitá-la como verdadeira , para desta forma passarem a agir de acordo com este sistema de valores transformando-se então em sujeitos da Ideologia .

Neste contexto depreendemos que todos nós somos sujeitos da Ideologia , uma vez que agimos de acordo com o que acreditamos ser correto e fundamentamo-nos para isto no julgamento da nossa consciência , que por sua vez é o escopo primordial da ação da Ideologia .

Destes fatos acima expostos releva-se a importância dos meios em que ocorrem a propagação e a transmissão de determinada Ideologia , uma vez que quanto maior seja seu número de sujeitos , maior será também seu poder de impacto na sociedade em função do poderio magnificado da ação conjunta dos sujeitos aglomerados tendo como diretriz a Ideologia prevalecente entre eles .

Nesta discussão evidencia-se que aquele (individualmente) ou aqueles (coletivamente) que controlam os meios em que se verifica a propagação ideológica dispõem de um poderoso instrumento para modelagem da opinião e controle sobre as consciências dos indivíduos , uma vez que toda espécie de concepções , dados e informações que nos valem para concebermos um julgamento a respeito de qualquer situação apresentada , e que utilizamos como diretriz de ação ,é proveniente não só da nossa experiência pessoal (muitas vezes alienada) , mas principalmente de organizações as quais nos referiremos como Aparelhos Ideológicos do Estado.

Indivíduos galvanizados em torno de um mesmo ideal , de interesses comuns , enfim , em torno de uma Ideologia predominante neste grupo social (normalmente de acordo com suas condições materiais de existência e com sua função semelhante na cadeia produtiva inferimos que são provenientes de uma mesma classe social) , são muito mais capazes de organizarem-se para efetivamente conseguir defender seu espaço na sociedade do que aqueles que se encontram separados , incôscios da existência de indivíduos em condições semelhantes às suas , e que por isso perdem o poder que a união proporciona .

4. Aparelhos ideológicos

4.1. *Aparelhos Ideológicos do Estado (A.I.E.)*

Os aparelhos ideológicos do Estado são instituições com funções especializadas cujas atuações porém não são excludentes umas às outras, pelo contrário, apesar de sua diversidade, complementam-se e completam-se de maneira a conferir-lhes uma unidade orgânica que usualmente atua em conjunto na transmissão da Ideologia prevalecente adotada pela camada social detentora do poder do Estado. Uma vez que estes Aparelhos Ideológicos propagam através de suas instituições o que podemos conceber como “Ideologia oficial”, são utilizados pelos detentores do poder de Estado para estabelecer bases ideológicas que possibilitem a aceitação de seu domínio pelas classes dominadas.

As instituições constituintes deste todo orgânico chamado Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) são de origem privada, isto é, não pertencem à esfera pública, porém guardam proximidade ideológica e de interesses com os representantes formais do poder público, muitas vezes prestando apoio financeiro, político e logístico para sua eleição.

Desta análise podemos ainda inferir que quando não mais houver tal identificação, ou seja, quando os responsáveis pelo Aparelhos Ideológicos do Estado não mais solidarizarem com as propostas dos detentores do poder do Estado, os próprios alicerces ideológicos do governo estabelecido começarão a sofrer sérios ataques por parte dos AIE's, podendo vir a causar a própria queda deste governo com a subsequente substituição por outro que atenda melhor aos interesses da classe dominante, pois como vimos, segundo Marx o Estado e seus aparelhos repressivos nada mais são que o meio que a classe dominante encontrou para revestir sua ação opressora na luta de classes atrás da égide de legalidade estatal.

Como assevera Louis Althusser “ . . . nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos do Estado.”.

Estes “interesses” a que nos referimos correspondem à possibilidade que uma classe social tem de ampliar o espaço que ela ocupa na sociedade ou ainda a necessidade de defendê-lo das ameaças provenientes de outras classes .

Esta luta pelo espaço na sociedade entre suas duas camadas fundamentais , a de capitalistas e a de trabalhadores , a de dominantes e de dominados , corresponde à luta de classes .

Podemos classificar os Aparelhos Ideológicos do Estado como as instituições seguintes :

- AIE escolar (sistema de escolas públicas e privadas , universidades, institutos de ensino técnico , etc);
- AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas);
- AIE familiar;
- AIE jurídico;
- AIE político (o sistema político constituído pelos diferentes partidos , o Senado , o Congresso , as Câmaras municipais , etc);
- AIE sindical;
- AIE da informação (imprensa , rádio , televisão , etc);
- AIE cultural (Letras , Artes , esportes , etc).

Tanto os AIE como os aparelhos repressivos do Estado atuam simultaneamente pela *Ideologia* e pela *violência* (às vezes física , às vezes administrativa).

A diferença entre os AIE e os aparelhos repressivos do Estado consiste em que , apesar de ambos estarem unificados em torno de uma mesma Ideologia dominante , os

AIE funcionam de forma prevalecte pela *Ideologia* , enquanto os aparelhos repressivos do Estado atuam de forma predominante pela *repressão* .

5. Utilização da Propaganda Política e Ideológica no mundo

Neste capítulo estaremos analisando os exemplos de utilização da Propaganda Política e Ideológica ao longo da história do mundo.

Surpreendente para muitos, todavia, seria a assertiva de que a Propaganda Política e a Ideológica são na verdade utilizadas desde os tempos mais remotos da história do homem, apesar de o conceito e a terminologia serem modernas e a despeito de as técnicas terem se desenvolvido e se tornado muito mais complexas e elaboradas nestes últimos anos, sendo voltadas para um público-alvo receptor muito maior e para a utilização em meios de comunicação mais sofisticados.

Como exemplos desta utilização ideológica da carga valorativa de uma sociedade por parte de Estados dominadores podemos citar o caso do Império Romano.

Uma das primeiras atitudes dos romanos, após o assentamento da vitória militar, era a de aliar-se às elites políticas e econômicas locais, garantindo-lhes uma posição de destaque na sociedade a ser estabelecida — evitando neste sentido a resistência da camada social que mais teria a perder com uma convulsão social, e que mais facilmente seria capaz de organizar exércitos para combatê-los — mas também se buscava obter o apoio da elite religiosa da sociedade conquistada, de maneira a atuar também no aspecto subjetivo da sociedade, na carga valorativa do *ethos* desta sociedade, visando a obtenção, na medida do possível, da aceitação por parte da população da nova situação estabelecida.

Sendo assim, era usual introduzir os costumes e a religião romana nos países conquistados, operando inclusive “casamentos de deidades” das duas religiões, a local e a romana, com o fito claro de obter o consentimento da situação de dominação, valendo-se, para isto, de expedientes religiosos.

De uma maneira geral podemos observar que a história da humanidade se assenta muito mais em exemplos de intolerância, violência e preconceito, do que em exemplos de tolerância, democracia e convívio pacífico entre os povos.

Isto se deve, em parte, ao fato de que o poderio político e econômico de uma elite sobre uma sociedade se faz presente muito mais facilmente em um ambiente onde todos são obrigados a obedecer os preceitos dela emanados, do que em uma sociedade onde se é possível questionar as ações do governo, indagar os governantes a respeito de suas razões, e exigir seus direitos de cidadãos, uma vez que o poder do Estado idealmente deve destes emanar, segundo a filosofia dos iluministas John Locke e Montesquieu, cujos fundamentos serviram de base para a Constituição dos Estados modernos de diversos países.

Para que este controle por parte da elite dirigente seja efetivo, portanto, é necessário que as idéias dominantes e vigentes em determinada sociedade sejam aquelas que sustentem e reafirmem o *status quo*, uma vez que é subjacente a um questionamento exercido por cidadãos livres residir uma ameaça premente e potencialmente perigosa à permanência da situação favorável às elites políticas, econômicas e religiosas de uma sociedade.

5.1. *Revolução Inglesa*

Como exemplo desta afirmação pode ser dado o caso da Revolução Inglesa no século XVII, de 1640 a 1660, na qual travou-se um intenso conflito entre o Parlamento e a Coroa Britânica. As razões deste conflito remontam, em um quadro amplo, a questões de ordem social, econômica, religiosa e constitucional, que foram tomando corpo ao longo do século precedente, porém as causas imediatas podem ser descritas como sendo relacionadas à tentativa de se estabelecer a liturgia Anglicana na Escócia, fato que gerou profunda comoção no país, conduzindo a um levante dos Presbiterianos Escoceses. Em 1640, tropas escocesas ocupavam os condados mais ao Norte da Inglaterra. Em troca de apoio financeiro ao rei Carlos I para que este pudesse

combater os escoceses, o Parlamento exigiu reformas políticas, diminuindo as prerrogativas reais sobre o Estado. O conflito político se tornou, em 1642, um conflito armado entre os partidários do Parlamento e os partidários do rei Carlos I. A primeira guerra civil terminou em maio de 1646, com o rendimento de Carlos I às forças escocesas, as quais, em junho de 1647, submeteram-no ao Parlamento. O rei negou-se a aceitar as condições impostas para seu retorno ao poder, fugindo do país. Firmou ele então uma aliança com os escoceses, de maneira a que, caso eles fossem os vencedores, o rei seria novamente entronizado no poder e, em contrapartida, o Presbiterianismo seria nomeada a religião oficial em ambos os reinos. Uma segunda guerra civil então se verificou, com o Parlamento e o exército de Cromwell de um lado, se batendo contra os escoceses e o rei, do outro lado da contenda.

Sob a liderança militar genial de Oliver Cromwell, as forças parlamentares lograram vencer as forças reais em agosto de 1648, na batalha de Preston, transformando, logo em seguida, Carlos I, da condição de rei à condição de réu, sendo este julgado por alta traição contra o povo por ter conspirado com os irlandeses para atacar a Inglaterra.

Tendo sido considerado culpado, Carlos I teve sua real cabeça apartada de seu corpo em 30 de janeiro de 1649, o que por si só expressa a grandeza e a representatividade do ato: um rei sendo submetido a julgamento e morto por traição contra o povo !

Com efeito esta foi a primeira das grandes revoluções liberais a avassalar a Europa com suas idéias libertárias e de igualdade entre todos perante a lei e o Estado, uma concepção por si só revolucionária.

5.2. *A Religião como fundamento da Ideologia*

Torna-se evidente a relação existente entre a Revolução Inglesa, a Revolução Francesa, a Americana e as demais revoltas na América Latina contra a dominação

metropolitana, uma vez que a Revolução Inglesa foi a que primeiramente indagou e atacou o que era então estabelecido como filosoficamente e moralmente intocável e indelével, ou seja o “Direito Divino” dos monarcas sobre o Estado e seus súditos, sendo que, a partir deste episódio, todas as demais revoluções, até o advento da Revolução Russa de 1917 contra o czar Nicolau, haviam conquistado o fundamento principal para sua existência: **a fundamentação ideológica de que é lícito se rebelar contra o monarca ou contra a autoridade constituída, caso haja abusos de poder, ou quando o contrato social entre governo e governados já não mais satisfaz.**

Esta idéia revolucionária também era defendida por filósofos do calibre de Locke e Voltaire, os quais propugnavam a tolerância em vez do preconceito social, a emancipação do homem através da razão e do conhecimento, e que o Estado deve atender a todos igualmente, sem distinções entre os cidadãos.

Depreende-se ainda do ocorrido durante a Revolução Inglesa, novamente, a importantíssima e muito estreita relação existente entre o Estado e a Igreja, esta atuando no sentido de fortalecer e justificar, na medida do possível, as bases de dominação do Estado, utilizando-se de instrumentos valorativos, éticos e morais, ou ainda, ideológicos, para obter o consentimento por parte da população da justeza do domínio exercido, como sendo este um “desígnio divino”.

No caso da Revolução Inglesa envolveram-se em conflito forças representantes do Parlamento e da Coroa, com fortes traços de lutas também de caráter religioso entre as religiões protestantes — Presbiterianos e Anglicanos — e estes conflitos de ordem religiosa mantinham estreitas relações com a batalha pelo domínio do Estado, como tivemos a oportunidade de ver.

Com efeito, podemos entender estas querelas entre as diversas religiões na Inglaterra e sua ligação com o poder como a continuação da disputa religiosa primeiro encetada por Henrique VIII com a Igreja Católica Romana, a partir da negativa do Papa Clemente VII de anular seu casamento com Catarina de Aragão, da Espanha.

Não se trata aqui apenas de uma questão puramente religiosa, mas mormente de uma questão ideológica, no sentido em que a determinação da religião oficial representava também uma forma importante de estabelecer os preceitos morais, éticos e filosóficos a serem seguidos pelos súditos de um reino e seguidores de uma religião.

O que estou tentando asseverar com a exposição destes exemplos diz respeito à elevada capacidade de representação simbólica e valorativa encerradas nos preceitos e na liturgia religiosa da época. Devemos lembrar-nos que a religião se revestia de uma importância muito grande na Idade Média e no início da Idade Moderna, sendo tanto componentes determinantes para a formulação de paradigmas de compreensão do universo, bem como do homem como parte constitutiva deste, quanto para a indução ou inibição de comportamentos, tendo em vista as perspectivas de recompensa e castigo representadas na existência do Paraíso e do Inferno.

Dentro deste contexto torna-se mais clara a importância da associação entre religião e o domínio do poder legítimo do Estado durante este período, no sentido em que a aceitação por parte da população em relação ao *status quo* estabelecido, ou seja, o domínio do monarca e da aristocracia sobre o povo, assentava-se em grande monta em bases religiosas, constitutivas da doutrina do “Direito Divino” do monarca de governar por este ser um “Desígnio Divino”.

De maneira ampliada podemos destacar as diferenças relativas à religião e comportamento em operação através do trabalho de Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na medida em que este livro aponta as diferenças valorativas propugnadas pelas religiões protestantes como sendo um fator primordial para a aceitação e adequado funcionamento do sistema capitalista.

Através deste exemplo tentamos ilustrar a profunda relevância que valores, idéias, conceitos e filosofias podem adquirir, quando investidas com poder de produzir efeitos concretos e práticos, os quais se traduzem amiúde em mudanças de paradigmas, questionamentos acerca da validade de determinadas situações, revoltas e revoluções.

5.3. *A Filosofia como fundamento da Ideologia*

É precisamente por isso que a vida de inúmeros grandes filósofos e personalidades destacadas está muitas vezes marcada pela perseguição e intolerância por parte das autoridades constituídas.

Muitas de suas indagações asseveram a falta de justiça da sociedade constituída, a falta de propósito do modo de vida em que se vive, a falta de fraternidade entre os concidadãos, a inexistência dos paradigmas e dogmas vigentes, ou seja, o que eles propõem são mudanças na forma em que encaramos o mundo, e muitas vezes estas mudanças por eles propostas não se coadunam com a estrutura vigente na sociedade, e portanto não se coadunam com os interesses da camada superior da pirâmide social.

Entre estes filósofos, pensadores e personalidades importantes que sofreram perseguição podemos destacar Sócrates, Galileu Galilei, John Locke, Spinoza, Voltaire, Karl Marx, Lenin, Martin Luther King, Nelson Mandela e inúmeros outros “prisioneiros de consciência” ou mesmo “prisioneiros políticos” na América Latina durante a época das ditaduras militares, ou ainda diversas pessoas cassadas por suas crenças religiosas. De fato, a lista de nomes históricos que se enquadram nesta configuração é imensa, e poderia continuar a ser elaborada praticamente *ad infinitum*.

O que todas estas pessoas têm em comum é que cada uma delas foi perseguida por representantes do *status quo* e por seu respectivo aparelho repressor por sua atuação e suas idéias favoráveis a mudanças na sociedade em que viviam, ou simplesmente em função de suas crenças não consoantes com as vigentes na época, e que eram, por conseguinte, cassados por representarem uma ameaça à manutenção da situação “consensada” à base da força e repressão.

5.4. *Diferentes classificações da Elite*

Neste ponto acredito que vale fazer um esclarecimento acerca do conceito de elite, na medida em que a palavra têm sido impregnada com valores que por si só

denotam o posicionamento ideológico daqueles que a empregam, como assevera Mikhail Bakhtin³.

Acredito que a palavra elite pode ser explicada tanto em função dos componentes sociológicos que delimitam o conceito de classe social — como sendo um conjunto homogêneo da sociedade, participantes de um mesmo *ethos* social e compartilhando a mesma posição no que diz respeito à função nas relações de produção — quanto em função de aspectos estatísticos, os quais conferem um caráter mais analítico e menos “ideologizado”, muito embora, particularmente, acredito ser impossível destacar todo e qualquer componente ideológico daquilo que se afirma.

A elite pode ser fragmentada em diversas categorias, a título de melhor classificação tipológica, e tendo em vista sua diferenciação de acordo com seu papel dentro da sociedade, sendo estas:

- elite econômica;
- elite agrária;
- elite política;
- elite intelectual;
- elite religiosa.

Estaremos abordando as elites econômica, agrária e política, por sua relevância para o tema abordado.

5.4.1. Elite Econômica

Sob a ótica sociológica, a elite econômica poderia ser definida como aquela classe social detentora da maioria dos meios de produção de uma sociedade, bem como uma classe definida em função de seus valores e hábitos comuns.

De qualquer modo, lançando mão de critérios estatísticos poderemos mais facilmente identificar esta classe, em função do estabelecimento de uma série de parâmetros designativos da mesma. Neste sentido, a elite econômica aparece como

³BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Ed. Hucitec. 1997

sendo a classe detentora também da maior parte do produto interno gerado pela sociedade como um todo, e caracterizada no âmbito social por ter acesso à educação superior, a um sistema de saúde particular, ter um alto padrão de vida e um elevado índice de consumo de bens conspícuos.

Poderemos nos valer dos dados referentes à Grande São Paulo, para elucidar o que estamos afirmando com relação à definição estatística da elite econômica.

Distribuição da Renda	1981	1991
Decil 1	29,1%	32,6%
Decil 2	17,5%	18,0%
Decil 3	13,7%	13,2%
Decil 4	10,6%	10,1%
Decil 5	8,8%	7,7%
Decil 6	6,3%	5,8%
Decil 7	5,1%	4,2%
Decil 8	3,5%	3,3%
Decil 9	2,3%	2,0%
Decil 10	1,5%	1,3%

Figura 2 - Tabela contendo a porcentagem da população que participa de cada décimo (Decil) da renda gerada na região da Grande São Paulo.

Estes dados podem ser mais facilmente visualizados através do gráfico que denota, visualmente, a diferença entre os anos de 1981 e de 1991, em termos de concentração de renda.

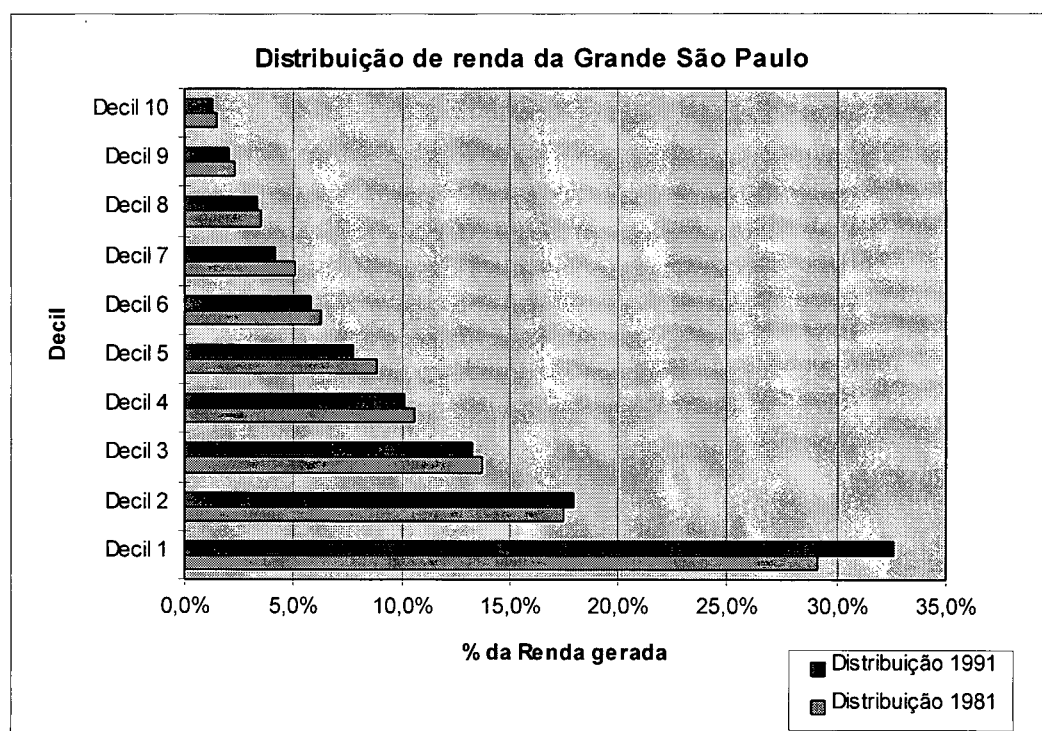


Figura 3 - Gráfico apresentando a posição da distribuição da renda na região da Grande São Paulo

De acordo com estes dados, nitidamente se estabelece que a grande maioria do Produto Interno Bruto gerado na região da Grande São Paulo, acaba sendo direcionado para o que podemos alcunhar de elite econômica, apesar de, como tivemos a oportunidade de ver, o conceito encerrar aspectos qualitativos, além de quantitativos, para sua correta compreensão.

Além deste fato, podemos também verificar que houve uma significativa mudança com relação à repartição da renda, no sentido em que se agravou a má distribuição da renda na região da Grande São Paulo, tendo o índice de GINI — indicador representativo da concentração de renda, o qual, quanto mais próximo de 1, têm-se uma situação em que se está mais próximo da igualdade absoluta, e quanto mais próximo de 0, têm-se uma situação em que se está mais próximo da concentração absoluta da renda nas mãos de apenas 1 pessoa — passado de 0,56 em 1981 para 0,52 para 1991, ou seja, a renda tornou-se ainda mais concentrada nas mãos da elite econômica durante este período.

5.4.2. Elite Agrária

A elite agrária também se distingue das demais em função, primordialmente, por seu caráter hereditário. Dizemos isto porque esta classe caracteriza-se por possuir o poder de caráter inter-geracional, representado pela posse da terra, a qual é, hereditariamente, passada aos descendentes através das gerações, podendo ser chamada como o que Marx designaria por “Capital Originário”. Como podemos verificar através de inúmeros exemplos dispostos em pontos diferentes do espaço-tempo, ou seja, em diferentes épocas e em diferentes países e nacionalidades, a posse da terra caracteriza-se por estar intimamente relacionada com o *status* e poder, seja político, seja econômico.

A aristocracia européia por muito tempo conseguiu manter a relação de servidão e a propriedade dos meios de produção em função, tanto do apoio das bases religiosas da dominação, como visto anteriormente, quanto da capacidade de manter e sustentar exércitos e cobrar impostos — o aparelho repressor — mas também, e principalmente, no meu entender, a partir do domínio e posse da terra, uma vez que toda a vida na Idade Média em torno dela revolvia.

Nela construíam-se as cidades — o que, conseqüentemente, justificava a cobrança de impostos para “proteção” das cidades dos bárbaros, e para o financiamento de exércitos — , a produção de alimentos também nela era realizada, o que por sua vez gerava a condição de servidão e a partilha da produção gerada com o dono da terra — usualmente a aristocracia, mas também a Igreja era grande latifundiária nesta época.

No Brasil, estas raízes de dominação, impostas pela posse da terra, também muito nitidamente se verificaram, desde os primórdios de nossa história com o advento das capitânicas hereditárias, passando pelo coronelismo e o exercício truculento do poder para manutenção dos privilégios adquiridos — como evidenciado por inúmeras ocasiões, sendo a Guerra de Canudos e a do Contestado apenas dois exemplos — até chegarmos em nossos dias, com a situação das terras, de maneira persistente e consistentemente, em uma condição concentrada nas mãos de poucos proprietários.

Agora podemos analisar a questão sob o enfoque estatístico, uma vez que os dados do Brasil denotam bem esta condição de concentração mencionada.

A análise crua deste dado pode indicar diferentes inferências, entretanto, contextualizando a informação sob um enfoque histórico-sociológico, podemos de maneira mais adequada entender a situação representada pelos dados, que nada mais são do que uma imagem congelada de uma complexa dinâmica em constante andamento.

O aparecimento do Movimento Sem Terra (MST) no Brasil corrobora esta afirmação de que a questão na terra no Brasil é uma de enorme dificuldade de se lidar para as lideranças políticas do país, porquanto revolve as bases de dominação historicamente estabelecidas no país.

Podemos nos adiantar dizendo que também os conflitos de Canudos, Contestado e Farroupilha tiveram — dentre uma miríade de outros fatores determinantes e a conjunção de inúmeras outras circunstâncias distintas para cada caso específico — papel preponderante para o desencadeamento destes embates, devendo ser um componente importante de qualquer tentativa de racionalização dos conflitos.

5.4.3. Elite Política

A elite política adquire grande importância por ser a fonte das decisões tomadas em nome da sociedade, e ainda mais porquanto estas decisões tem o poder de afetar a todos dentro desta, mesmo aqueles que por ventura não concordam com a decisão tomada. Ou seja, o Estado possui, neste sentido, o caráter coercitivo, já definido por Weber como sendo uma das características do Estado moderno, de fazer valer as medidas por ele adotadas.

É neste sentido que a democracia investe-se de uma importância grande em termos do sistema político adotado, em contraposição à ditadura e aristocracia, uma vez que baseia-se, idealmente, nas opções e decisões da maioria da população de uma determinada sociedade, por meio dos representantes por eles eleitos.

Obviamente conhecemos que a democracia possui antecedentes datando dos tempos da Grécia antiga e Roma, quando então filósofos da ordem de grandeza de Aristóteles em *A Política* e Platão em *A República*, e inúmeros outros importantes pensadores antigos, definiam e discutiam as diversas formas de governo.

A respeito da democracia e da oligarquia, asseverava Aristóteles:

“ Não se deve acreditar, como hoje é costume fazer, que a democracia existe unicamente em todo o Estado onde a multidão é soberana, pois nas oligarquias e em toda parte é sempre a maioria que tem a força suprema; nem acreditar que haja oligarquia sempre que o poder esteja nas mãos da minoria. Porque, supondo-se que numa população de mil e trezentos cidadãos, haja mil ricos, os quais não concedem parte alguma na administração aos outros trezentos que são pobres, aliás livres e iguais aos ricos sob todos os outros aspectos, ninguém poderá afirmar que uma tal população viva debaixo de um regime democrático. Do mesmo modo, se os pobres, embora em minoria, fossem mais fortes que os ricos, apesar destes serem mais numerosos, ninguém chamaria a este governo oligarquia, no caso em que o resto dos cidadãos, que possuíssem as riquezas, não tivesse parte alguma nos cargos.

Assim, é melhor dizer que existe a democracia que o poder soberano está nas mãos dos homens livres e que existe oligarquia quando está nas mãos dos ricos.

Mas acontece comumente que uns, isto é, os homens livres, são em maioria; e os outros, os ricos, são pouco numerosos. Certamente, se só se designassem para as magistraturas os homens de estatura elevada, como se diz que é feito na Etiópia, ou os que possuem uma beleza notável, tal seria uma oligarquia; pois o número de homens de elevada estatura, ou de uma grande beleza, é sempre pequeno.

No entanto, essas condições não bastam para determinar com precisão as diferentes formas de governos; mas como a democracia e a oligarquia se compõe de várias partes, é preciso ainda distinguir e admitir que, no caso de homens livres, em minoria, terem autoridade sobre a maioria dos cidadãos, que no entanto não seriam livres. É o que se pode ver em Apolônia, nas costas do mar Jônio, e em Tera; pois em ambas as cidades, os cargos só eram concedidos aos que tivessem um nascimento ilustre, aos descendentes dos fundadores da colônia, pouco numerosos aliás, em comparação com o resto dos habitantes. Nem será uma democracia, se os ricos, por serem numerosos, mantêm o poder, como antigamente em Colofon, onde a parte mais numerosa dos cidadãos possuía grandes propriedades antes da guerra que sustentaram com os lídios. Mas a democracia só existe quando os cidadãos livres e pobres, formando a maioria, são senhores do governo; e, para que haja oligarquia, é preciso que a soberania pertença a uma minoria de ricos e de nobres.”⁴

Podemos dizer que, certamente, a cultura Helênica formou a fundação da cultura ocidental como a conhecemos, e portanto o sistema político e a forma de governo também exerceram influência preponderante nas civilizações porvir, até mesmo a nossa civilização brasileira.

⁴Aristóteles. *A Política*. Ed. Ediouro. p.231

De acordo com estas classificações de Aristóteles e de acordo com a história pregressa do Brasil República, poderíamos facilmente constatar que o sistema político adotado foi a oligarquia, baseada fundamentalmente na propriedade da terra e no poder econômico (através, por exemplo, do estabelecimento de censos com base na propriedade para votação de representantes).

Esta situação basicamente se manteve através dos anos da escravidão negra no Brasil, quando então o domínio exercido por uma minoria da população branca exercia sobre uma minoria de negros e mestiços, se dava adicionalmente, além do poder político e econômico, também através da racionalização da antropologia européia, que classificava os negros como *selvagens* e racialmente inferiores, e os brancos de superiores e intelectualmente mais aptos.

6. Experiências de controle da mente

6.1. Controle da mente

O tema de controle da mente é, indubitavelmente, muito controverso e polêmico devido , em grande parte, às implicações do mau uso destas tecnologias e ao perigo que representa para a capacidade de expressão de livre arbítrio do ser humano.

Não é difícil também de vislumbrar o poder potencial que confere àquele que conseguir dominar e utilizar tal tecnologia, no sentido de que todos os mecanismos de controle, aparatos de repressão e mesmo os processos eleitorais — se cogitarmos na utilização em uma escala ampliada — poderão ser classificados como anacrônicos e descompassados com os preceitos de uma sociedade verdadeiramente livre e independente, caso se viabilize a utilização em grande escala de tais tecnologias.

À luz da promessa desta fonte de poder ilimitado sobre os inimigos e dissidentes, e mesmo sobre alguns aliados não tão entusiásticos da mesma visão daqueles que se propõe a lançar mão destas tecnologias, inúmeros cientistas no passado realizaram — e acredita-se que alguns cientistas do presente também focalizam suas pesquisas em busca

de tal poder — experiências, precisamente com o intuito de descobrir a fórmula para o controle da mente, ou ao menos, na busca de expedientes capazes de influenciar, com um razoável grau de sucesso, o comportamento e a vontade das pessoas.

Ponderando a respeito de formas de manipulação da vontade — ou, alternativamente, do próprio componente ulterior da expressão da vontade, o comportamento — poderemos considerar como formas de estabelecer o controle da vontade desde técnicas de retórica e persuasão, passando pelo uso de técnicas de interrogação e tortura, até chegarmos a formas mais sofisticadas como técnicas psicológicas de indução, programação pós-hipnótica, utilização de drogas desnorteadoras e alucinógenas, estímulos elétricos do cérebro (EEC) e, hodiernamente, através da utilização de ondas eletromagnéticas de frequência e amplitude moduladas.

Obviamente que não podemos considerar a arte da retórica e da persuasão como sendo um controle da mente, entendido com o mesmo significado com o qual passaremos a tratar sobre as demais técnicas, dado ser uma arte que procura expor as razões, organizar o raciocínio e elaborar os argumentos de tal maneira que o auditório, de acordo com o seu próprio julgamento e de acordo com a utilização de seu *livre arbítrio*, julga procedente ou improcedente as alegações do orador.

O alegado controle da vontade no caso da retórica se dá no fato de que, após o orador ter a oportunidade de operar a sua arte, os ouvintes que o considerarem com razão, passarão a atuar de acordo com as orientações e diretrizes expostas pelo orador em sua argumentação, através da exposição de sua peça de oratória em seu discurso.

É notório como grandes oradores, políticos e generais conseguem seduzir uma massa de ouvintes, e conduzi-la a um estado de espírito por ele desejado, de tal modo que elas se tornam prontas e susceptíveis a segui-lo e a obedecê-lo, logrando estes efeitos simplesmente por meio de sua retórica, do poder de sua voz e de seu carisma.

A diferença-chave da retórica com relação aos métodos de controle da mente mais especificamente abordados, encontra-se na existência de um componente de

involuntariedade, ou voluntariedade parcial, por parte do sujeito do controle, o qual deve ser considerado na relação que se estabelece entre o emissor-controlador e o receptor-controlado, isto é, no caso da relação de controle propriamente dita exclui-se o fator importantíssimo representado no *libre arbitrio* ou na livre expressão da vontade do receptor.

Deve-se ter sempre em mente que o bom orador é aquele que consegue ativar os ânimos de uma platéia lançando mão de componentes preexistentes no substrato psicológico de cada um, derivados de experiências próprias e particulares de cada um dos integrantes da platéia, de tal maneira que o ouvinte se vê capaz de estabelecer associações entre a mensagem emitida e a situação em que ele vive.

Desta maneira o orador estaria nada mais do que magnificando uma potencialidade latente no auditório para a adoção de determinado comportamento, e não inculcando-o atitudes e comportamentos completamente desprovidos de lógica e sentido racional, como alguns poderiam imaginar.

Entretanto, à medida em que algumas técnicas de controle de massas, desenvolvidas principalmente no início do século, foram sendo utilizadas, se tornou tênue a linha divisória entre a vontade particular e a vontade coletiva.

Tais técnicas foram utilizadas largamente por Goebbels, responsável pela propaganda do Partido Nacional Socialista Alemão (Partido Nazista), principalmente nos comícios e manifestações de apoio ao Partido, meticulosamente organizados e preparados por ele.

Com a utilização de tais técnicas, que consistem fundamentalmente em utilizar-se de tambores e instrumentos de percussão como marcadores de ritmo de músicas-tema, repetição de palavras-de-ordem, adoção de certos gestos e saudações características, e também pelo uso de violência orientada para aqueles não simpatizantes do movimento — este último atuando como uma espécie de estímulo negativo — se logra obter um efeito indutor e quase hipnótico nas pessoas de tal modo

que elas acabam seguindo e adotando certos padrões comportamentais simplesmente para não se dissociar do resto do grupo, evitando aparecer como o elemento dissonante e, conseqüentemente, se tornando o foco de atenção do grupo, passível portanto de sofrer represálias.

As pessoas sob a influência destas condições externas tendem a introjetar atitudes e a projetar comportamentos que, de maneira independente, racional e não-induzida, muito provavelmente não apresentariam.

Estas técnicas podem, em parte, explicar comportamentos quase uniformes e histéricos na multidão que assistia aos discursos de Adolf Hitler.

Em muitos sentidos, pode-se dizer que Hitler obtinha êxito em seu discurso enaltecendo o povo alemão, ativando o nacionalismo e o xenofobismo muitas vezes já presentes na cultura alemã, e manipulando as precárias condições socio-econômicas que a Alemanha vivia na época, decorrentes do Tratado de Versalhes, as quais suscitavam predisposições no povo alemão para a adoção de alternativas mais radicais para solução dos problemas nacionais.

O resultado desta situação de magnificação de potenciais latentes é bem conhecida como o episódio histórico da humanidade, cuja amplitude, crueldade e poder de destruição jamais fora visto igual, consubstanciando a segunda Guerra Mundial num dos mais horrendos conflitos de nossa história.

Até que ponto todo o resultado obtido pela liderança de Hitler não foi nada mais do que a simples ativação de um potencial latente na psique do povo alemão, e até que ponto foi o resultado de uma manipulação da vontade obtida através de técnicas de persuasão e pressões da vontade coletiva atuando sobre a vontade individual ?

Acredito que é neste sentido que se faz cabível a classificação da arte retórica e de persuasão como passíveis de ser incluídas nas ditas técnicas de *controle da vontade*, entretanto, em função de, neste caso, a expressão da vontade particular e a capacidade

de julgamento próprio não terem sido tolhidas pelo emissor da mensagem, não estaremos classificando a retórica como técnicas de *controle da mente*.

Estaremos a seguir abordando algumas maneiras de exercer influências em um indivíduo de tal forma que suas ações, seu comportamento e seu pensamento podem estar sendo considerados como resultantes de uma ação planejada e elaborada com o fito de produzir precisamente aquela ação, comportamento ou julgamento, dado a introdução de determinado estímulo ou situação exógena ao sujeito.

Tenta-se com isto buscar as formas de se estabelecer uma relação de causalidade entre a aplicação de uma metodologia e o resultado gerado, este analisado em termos de comportamento, ação ou pensamento, sendo então tal técnica percebida como uma forma de *controle da mente*.

Outro componente fundamental também, como já foi levantado e nunca é demais salientar, para a classificação deste efeito que estaremos a abordar, é a falta de *livre arbítrio*, ou a involuntariedade do sujeito.

O caso mais apropriado para servir de ilustração para o que consideramos como sendo o exemplo mais contundente de *controle da mente* é a utilização de **estímulos elétricos no cérebro** (EEC), os quais são capazes de gerar comportamentos tanto motores, como o ato de andar, flexionar um músculo, dilatar as pupilas, acelerar ou retardar o batimento cardíaco, quanto comportamentos derivados de emoções como medo, raiva, afetuosidade, etc.

Isto implica uma situação, ao meu ver, cujos preceitos designativos do ser humano como ente particular e especial; como ente capaz do estabelecimento de associações e de julgar situações distintas através da inteligência, este ser humano já não mais existe, uma vez que lhe foi tolhido o que de mais importante ele possui, o **livre arbítrio**, sem o qual ele reduz-se a um corpo sem impulso vital próprio, em outras palavras, ele se transforma em uma máquina, criada para servir ao propósito de seu criador.

Obviamente que estamos ainda distantes de chegarmos a este ponto, uma vez que são inúmeros os fatores determinantes do comportamento humano, e ainda existem barreiras institucionais que impedem este controle, entretanto o que começa a ser preocupante é que as barreiras tecnológicas deste controle, em um nível elevado de sucesso, estão se tornando cada vez menores e mais tênues.

De acordo com José Delgado⁵— um pesquisador que realizou experimentos surpreendentes no final da década de 60 sobre o controle do comportamento através de implantes localizados em regiões específicas do cérebro, e controle dos mesmos através da emissão de comandos via ondas de rádio — a possibilidade de controle total do ser humano ainda é remota (isto no começo da década de 70), porém a técnica de EEC's (Estímulos Elétricos no Cérebro) é promissora, pois segundo o autor:

“ A possibilidade do homem controlar o pensamento de outros homens, sempre se colocou no plano mais alto da fantasia humana, ao lado do desejo de poder transmutar metais, de ter asas, de poder viajar à lua. Nossa geração tem sido testemunha da realização de tantas tarefas, antigamente consideradas quase impossíveis, que hoje estamos dispostos a aceitar quase tudo. No mundo da ciência, entretanto, a especulação e a fantasia não podem substituir a verdade.

Possuímos inúmeras comprovações de que a EEC controla uma ampla série de funções, inclusive as atividades motoras e as manifestações mentais, quer nos animais, quer na espécie humana. Sabemos que, mediante a estimulação elétrica de estruturas cerebrais específicas, podemos tornar uma pessoa mais afável ou influenciar a sua linha de pensamentos. Apesar de seu impressionante potencial, a EEC encontra limitações práticas e teóricas que devem ser analisadas”

6.2. *Origens do comportamento*

De uma maneira sucinta, podemos compreender o ser humano como o produto complexo de inúmeros estímulos recebidos e armazenados durante a vida do indivíduo, provenientes do ambiente social, da família, das leis do país, da escola e educação

⁵Delgado, José M. R., *Physical Control of the Mind - Toward a Psychocivilized Society*. 1969

recebida, etc., de maneira que pode-se dizer, mencionando o filósofo Ortega y Gasset: “ O homem não possui natureza, e sim uma história, e *eu* sou eu e o meu ambiente”⁶.

De maneira esquemática, podemos também ilustrar o comportamento do homem como uma resultante de diversos fatores, tais como :

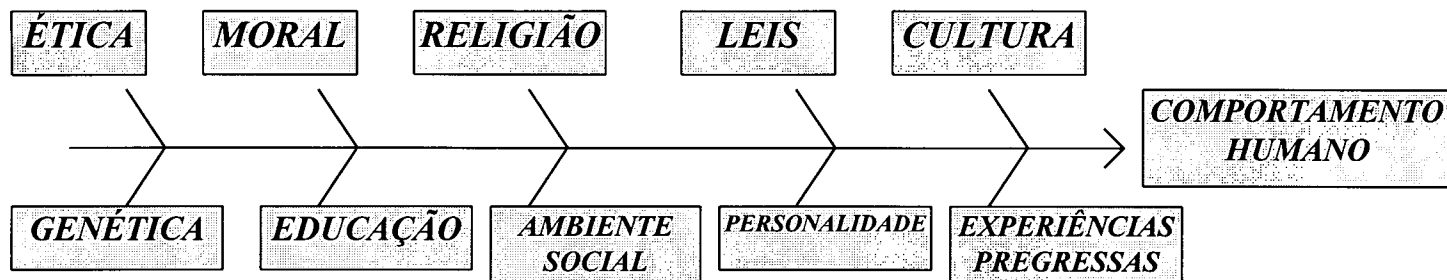


Figura 1 - Fatores integrantes do comportamento humano

A partir desta classificação, podemos concluir que existem diversas maneiras de se influenciar um ser humano no que diz respeito a seu pensamento, orientação, ideologia, valores, integração social, enfim, tudo que estaria ligado de alguma maneira a símbolos e aos valores subjetivos do indivíduo, os quais seriam capazes, por sua vez, de influenciar a forma em que o indivíduo expressa estes fatores em seu ambiente externo: **o comportamento.**

Podemos agora, a partir destes estudos mais recentes do cérebro, incluir mais um fator determinante para a alteração do comportamento humano, até agora relegado a posições de menor importância, mas que de maneira nenhuma é menos relevante: **a fisiologia cerebral.**

6.3. *Psicologia como ciência*

Durante muito tempo hesitou-se — por questões de ordem moral, ética e religiosa — violar este templo sagrado representado pelo cérebro humano, uma vez que

⁶Ortega y Gasset, J. *History as a System*. New York. W. W. Norton. 1961

já se compreendia ser o cérebro a “sala de controle” de todas as funções orgânicas do corpo, entretanto, relativamente recente é também a conclusão de que o cérebro, através dos mecanismos biológicos de seu funcionamento, também se constitui em fator determinante do estado de espírito e emocional do indivíduo.

Esta conclusão conduz-nos a um universo totalmente novo de pesquisas, no qual podemos entender disfunções comportamentais não somente em termos psicológicos, filosóficos e mesológicos, mas também como questões de ordem fisiológica, como disfunções no funcionamento dos neurotransmissores, falhas de estruturas cerebrais responsáveis por determinadas funções orgânicas e outras disfunções cerebrais.

Isto parece até certo ponto óbvio para nossos contemporâneos, todavia devemos entender que até o século passado a “alma humana” era o âmbito principal que se entendia como sendo correto para julgar o comportamento e as ações adotadas, ou seja, tinha-se uma visão muito mais romântica e filosófica ao se encarar questões subjetivas e emocionais que nos preocupavam.

A grande revolução se deu a partir do século passado e início deste século, em larga medida devido aos estudos e teses defendidas por Wilhelm Maximilian Wundt, psicólogo oficial do estado Prussiano e professor de psicologia na Universidade de Heidelberg.

Este pesquisador iniciou sua carreira como professor de filosofia na Universidade de Leipzig em 1875, lá estabelecendo o primeiro laboratório de psicologia do mundo, criando também o jornal de psicologia chamado *Estudos Filosóficos*⁷, a partir de então redefinindo a psicologia de um ponto de vista mais filosófico para um ponto de vista mais materialista e funcionalista.

Estes estudos tiveram profundas repercussões nos trabalhos de Pavlov, Skinner e Watson, também imbuídos desta visão mais funcionalista da psicologia.

Devemos notar que durante este período Hegel também lecionava na Universidade de Berlim, e podemos considerar sua filosofia como base fundamental da teoria de Marx do materialismo dialético e do estatismo fascista, em função de suas concepções do Estado.

De acordo com a filosofia de Hegel o Homem é subordinado ao Estado e somente encontra sua completude quando de acordo com as normas emanadas do Estado, pois assevera o filósofo: “O Estado é a realidade absoluta, e o próprio indivíduo somente encontra sua existência objetiva, verdade e moralidade apenas dentro de suas capacidades como membro do Estado”.

Esta filosofia foi evocada por diversos Estados e governantes, ávidos por justificar suas ações e atrocidades perpetradas nos cidadãos em nome de um bem maior representado pelo Estado. Como poderemos ver mais tarde, também Euclides da Cunha lançou mão da filosofia hegeliana, desta vez para incluir na discussão, com relação à guerra, a diferenciação étnica e social das populações em embate em Canudos.

Trouxe este tema à baila para mencionar que também Wundt estava sendo em parte influenciado pelas teorias e conceitos vigentes na época, ainda mais na condição de psicólogo oficial do Estado Prussiano, uma vez que a adoção de filosofias magnificadoras da importância do Estado poderia ser encarada como a justificativa necessária pelos Estados para a adoção de medidas repressoras por ele realizadas, em nome do bem maior da sociedade.

Dentro deste contexto representado pelas influências das correntes filosóficas de seu tempo, Wundt considerava que a menos que se pudesse quantificar cientificamente, com vistas a se analisar com precisão um objeto, não havia razão para se incluir este fator, de ordem “subjetiva”, na investigação científica propriamente dita.

Esta visão mecanicista da psicologia tornava os estudos nesta área como estudos do cérebro e do sistema nervoso, redefinindo o homem como um ser, até certo ponto,

⁷Keith, Jim. *Mind Control, World Control*. Adventures Unlimited Press. 1997

desprovido de alma e mais semelhante a uma máquina, ou que, pelo menos, a alma não era o fator determinante do comportamento e das crenças, como anteriormente se acreditava, e sim a fisiologia, os neurotransmissores, a bioeletricidade e outros mecanismos físico-químicos.

Remetendo-nos ainda a outros filósofos mais antigos, os quais constituíram a verdadeira base da psicologia moderna, encontramos alguns dos questionamentos fundamentais elaborados por filósofos gregos tais como Platão e Aristóteles: em que medida o homem adquire suas habilidades, potencialidades e a personalidade através da experiência; em que medida são estas qualidades inatas; que parte possui o aprendizado no resultado final daquilo que o homem vêm a se tornar ?

Estas e outras questões acerca da natureza do homem começavam a ser abordadas pelos pensadores, com o intuito de vislumbrar as relações existentes entre o homem e seu meio, seja ele cultural, físico ou social, bem como as relações relativas à sua própria herança genética.

Podemos entender também que o pensamento presente na psicologia possui uma base racionalista derivada, em grande medida, do filósofo René Descartes o qual, através de sua teoria do dualismo psicofísico (Mente-Corpo) deu uma nova orientação aos estudos relativos à mente.

Esta teoria propugna que a realidade era composta por duas áreas distintas, que no entanto se entrelaçavam e interrelacionavam, o domínio físico da matéria e o domínio imaterial da mente.

Os integrantes do domínio físico da realidade possuíam as características inerentes a estes, tais como : massa, peso, extensão no espaço e movimento; enquanto os integrantes do domínio imaterial não possuíam estas qualidades, porém eram responsáveis pelas qualidades volitivas, a memória, o raciocínio, o conhecimento, a percepção, etc.

De certa maneira, podemos considerar Descartes como tendo lançado as bases para a interpretação mais mecanicista da psicologia, a qual foi sendo posteriormente reforçada por outras correntes filosóficas de grande influência no pensamento da humanidade: **a corrente empirista e a corrente racionalista.**

Estas duas correntes do pensamento filosófico, surgidas entre os séculos XVIII e XIX, tiveram grande influência na psicologia como ciência, bem como em diversos outros ramos do conhecimento.

6.3.1. A Filosofia Empirista e a Racionalista

A filosofia empirista, delineada primeiramente a partir dos escritos de Francis Bacon e, posteriormente, realçada a partir dos escritos de John Locke, afirma que o conhecimento deriva principalmente da experiência, negando a possibilidade de conhecimentos apriorísticos. Locke afirmava que a mente do recém nascido era uma *tabula rasa*, na qual se podia imprimir, neste espaço vazio, as sensações, idéias, imagens e também o conhecimento, tudo isto através da capacidade da percepção sensorial e da memória.

Como pudemos notar, nesta estrutura de pensamento presente na filosofia empirista, a memória tem uma participação muito importante para a formulação de idéias, pensamentos e conceitos, uma vez que cada novo conhecimento se dá através de processos de articulação e associação de idéias anteriores. Dois destes princípios de associação eram a *similaridade* e *contigüidade* (proximidade).

Na verdade na obra de Locke *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, o que se verificou foi uma enorme revolução do pensamento, em relação às idéias dogmáticas e preconceituosas então vigentes.

De acordo com Henry Thomas e Dana Lee Thomas, nesta época:

“ Os homens relutavam em experimentar as suas idéias morais, como tinham feito com as idéias comerciais e políticas. Começavam a duvidar do direito divino dos reis mas acreditavam, ainda, implicitamente, no direito divino do preconceito. Mestres sectários e filósofos dogmáticos constrangiam a ilimitada capacidade do espírito humano para fazê-lo

alcançar certas verdades “infallíveis”. Acreditava-se que nascesse o homem com idéias preconcebidas a respeito de Deus e os homens — idéias não sujeitas à revisão, não susceptíveis de disputa. Aqueles que se recusavam a aceitar estas idéias, fosse no domínio religioso, fosse no das relações sociais, eram condenados à perseguição. Tal era o fundamento da poderosa estrutura de intolerância, hipocrisia e malevolência que escravizava o espírito humano”⁸

Obviamente que pode-se objetar à filosofia empirista pura, como o fizeram os partidários da filosofia racionalista, de que pensando desta maneira adota-se que o ser humano possui uma posição passiva com relação à percepção sensorial, absorvendo inadvertidamente estímulos diversos provenientes do ambiente, os quais, por sua vez, se tornariam a base do conhecimento humano.

Os empiristas, entretanto, não deixaram de notar a próxima relação existente entre os mecanismos fisiológicos e os processos mentais de aprendizagem, memorização e percepção, lançando as bases para que pesquisadores do século XIX começassem

6.4. Estímulos Elétricos no Cérebro (EEC)

As experiências de introdução do estímulo direto no cérebro não são, de maneira nenhuma, um interesse recente do ser humano. Experiências remotas datam do século XVII, aproximadamente quando da descoberta da própria eletricidade. Os músculos da rã eram excitados por meio da eletricidade já em 1791 por Galvani, depois por Volta em 1800, posteriormente por Du Bois-Reymond em 1848.

As pesquisas de Fritsch e Hitzig, em 1870, já abordavam experimentos de introdução de **Estímulos Elétricos do Cérebro (EEC's)** em cães anestesiados, com o intuito de se pesquisar as funções cerebrais através da produção de movimentos involuntários no animal.

Estes estudos, que já despertam o interesse em pesquisadores a muito tempo, foram paulatinamente ampliando-se em escopo e em complexidade, de maneira a se

⁸ Thomas, Henry. Thomas, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*. Ed. Globo

chegar ao ponto de se descobrir não apenas regiões cerebrais indutoras de comportamentos motores, mas também descobriu-se que certas áreas do córtex cerebral são capazes de: induzir reações emocionais, inibir certos comportamentos, alterar estados de concentração e da função da fala, modificar o comportamento nas interações sociais e outros efeitos de ordem comportamental e emocional.

Experiências foram perpetradas em humanos, durante intervenções cirúrgicas no cérebro, ou mesmo em pacientes sofrendores de distúrbios mentais, proporcionando aos pesquisadores uma fonte inestimável de informações e dados a respeito do cérebro humano, uma vez que estes poderiam com muito mais acuidade e exatidão relatar o resultado do estímulo introduzido, em termos emocionais e comportamentais, aos pesquisadores, em comparação com as experiências com animais, os quais são incapazes de comunicar o que estão sentindo diretamente, mas somente através de inferências dos pesquisadores, como interpretar o ato de puxar uma alavanca que dá aos animais uma descarga em uma região de prazer no cérebro como sendo uma indicação de que eles apreciam o estímulo recebido, e assim por diante.

7. Barreiras sensoriais do cérebro e novas tecnologias X Ética do Estado

Toda esta racionalização, proveniente de Hegel e Wundt, pode ter contribuído para a justificação de diversos tratamentos inumanos cometidos por representantes de diversos Estados, tais como: as experiências dos Estados Nazista, Fascista e Comunista; as experiências da agência americana de inteligência CIA no projeto MKULTRA; o holocausto da guerra de Canudos, dentre outros exemplos.

Principalmente se considerarmos que esta racionalização vinha ao encontro das atitudes destes Estados, que por um lado encarava o ser humano como mero integrante do Estado, tendo este ascendência e predominância sobre o indivíduo, e que por outro lado vemos que ao se encarar o ser humano como sendo apenas um ser desprovido de alma, movido apenas por reações químicas e elétricas do cérebro, à semelhança de uma máquina, o Estado deixa de incluir em suas ações com relação ao cidadão questões de

ordem ética e moral, atendo-se a atender questões de ordem legal, jurídica e institucional.

Podemos dizer que as torturas perpetradas, ironicamente em nome da democracia, por governos militares na América Latina, estavam devidamente embasadas na lei para seus atos hediondos. Seja a promulgação do AI5 pelo governo militar brasileiro em 1965, cassando os direitos dos cidadãos, seja a evocação das leis de defesa nacional, no campo jurídico é sempre possível se estabelecer uma justificativa plausível para o abuso do poder, contanto que se realize um processo de manipulação da informação sendo veiculada pelos meios de comunicação, ou seja, contanto que se justifique perante a opinião pública mediana, ou contanto que os interesses da mesma sejam mantidos e não ameaçados pelas resoluções adotadas.

Entretanto no campo da ética e da moral individual — não na esfera da ética e moral do Estado — tais atos e feitos já não mais podem ser cometidos sem serem condenados e execrados veementemente como sendo o que realmente e efetivamente são, desprovidos do sutil e sofisticado jogo retórico: **atrocidades e vilezas, cometidas com o intuito de manutenção da estrutura do poder.**

De fato Maquiavel já asseverava no século XV que a ética do indivíduo não se aplica à ética dos governantes e dos Estados, podendo estes comprometer sua palavra empenhada em acordos e tratados, aliar-se a seus antigos inimigos para atacar seus antigos aliados, caso esta seja a circunstância mais vantajosa no momento, e outras medidas que, realmente se consideradas de acordo com o código de valores individual, pareceria traiçoeiro, vil e amoral.

8. O Estado e sua evolução — uma análise comparada de Marx, Weber, Keynes, e Hayek (neoliberalismo)

8.1. Teoria do Estado

Existem inúmeras concepções de Estado . Podem elas ser descrições do ponto de vista sociológico , histórico , político , jurídico , etc .

O presente capítulo se aterá às definições de Estado sob o prisma sociológico, sendo que a respeito desta questão nos debruçaremos especialmente sobre a obra de dois autores em particular , Max Weber , que nos traçará um quadro do Estado do ponto de vista do funcionamento e organização deste Estado e de seus aparatos , e a de Karl Marx que tenderá a abordar a questão do Estado sob o ponto de vista social e político.

Esta centralização teórica em volta da obra destes dois grandes cientistas sociais e pensadores não é feita por acaso , explica-se em parte pela proximidade cronológica entre a formulação de suas análises sobre o Estado Moderno e a implantação da forma de governo Republicana no Brasil , e em parte em função da diferença de abordagem e de posicionamento frente à complexa questão da formação , legitimação e manutenção do Estado moderno que se verifica entre estes dois autores. Tal situação teórica nos possibilita um fértil cotejamento entre perspectivas diversas e que acaba por enriquecer, de uma maneira dialética, a discussão a respeito da validade e da necessidade da guerra de Canudos para a consubstanciação do poder da República no Brasil .

8.2. Perspectiva Weberiana

De acordo com Max Weber o Estado Moderno possui , para sua configuração como tal , de certos apanágios intrínsecos a esta condição que são :

- 1) A existência de uma ordem administrativa e jurídica estabelecida através da prática legislativa , sujeita a alterações e renovações de acordo com a promulgação de normas que regulamentem as ações do governo .
- 2) A existência de um aparelho administrativo responsável pela condução dos assuntos oficiais de acordo com a regulamentação acima mencionada .
- 3) O Estado Moderno deve possuir a autoridade com poder sobre todas as pessoas - as quais normalmente obtêm a cidadania ao nascer - e sobre grande parte das ações destas pessoas que forem geradas sobre a área de jurisdição destes Estados .
- 4) O Estado deve ter legitimação para usar a força dentro de sua área , uma vez que a coerção seja permitida por algum estatuto promulgado .

Na visão de Max Weber , portanto , a ordem legal , a burocracia do Estado , a jurisdição compulsória sobre determinado território e sobre determinado povo e o monopólio do uso legítimo da força são as características inerentes a qualquer Estado Moderno .

A legitimação do domínio sobre o poder de Estado se dá , para Weber , na observância de estatutos promulgados , e por sua vez estas leis são legítimas se tiverem sua promulgação realizada de forma processualmente correta .

Vemos que este conceito de legitimidade dado por Weber exclui do cerne de sua discussão a luta pelo poder de Estado , uma vez que pressupõe que aquela classe social , ou aquela facção política que consiga obter o poder de Estado e impor seu domínio sobre as demais emitindo normas de caráter jurídico e exigindo o cumprimento destas normas , seja valendo-se da força ou através da fundamentação de seu poder estabelecendo a certeza de validade ideológica de seu domínio , estará sendo considerada pela doutrina weberiana , e de maneira geral , ao estendermos o campo de alcance do funcionamento deste processo , também pelos profissionais do direito adeptos do direito positivo , e também , a reboque , o povo , como legítimos detentores do poder.

O que verifica-se comumente é que o povo propriamente dito , a parcela mais significativa da população nacional em termos percentuais , ainda hoje amiúde fica

distante de grandes decisões políticas dos governos , além de ter pouca participação ativa na gestão das administrações eleitas ou no poder .

8.3. *Perspectiva de Marx*

Neste trabalho abordaremos também , conforme já foi colocado anteriormente, a visão do Estado segundo Karl Marx , em face de o tema estudado tratar-se de uma guerra e , em última instância , a uma repressão violenta por parte da autoridade recém-constituída a um movimento supostamente sedicioso e subversivo .

Em escritos como O manifesto comunista e o 18 de Brumário , Marx define o Estado como aquele organismo detentor do “aparelho repressivo”, ou seja , o Estado detém o monopólio da utilização da força em condições que auto-estabelece (os poderes Legislativo e Judiciário fazem parte do Estado) como juridicamente legais , uma vez que os sistemas de governo modernos fundamentam suas ações em leis e normas jurídicas .

O aparelho do Estado, segundo Marx , compreende a administração , os tribunais, que através da prática jurídica constituem-se em pré-condição para a utilização legal dos demais componentes do aparelho repressivo do Estado , as polícias (polícia militar , polícia civil , guarda municipal) , as penitenciárias e também o exército. Modernamente podemos incluir neste aparato de coerção todas as organizações concernentes ao poder de polícia administrativa , conceito jurídico que significa a capacidade que tem o governo de restringir o uso e gozo de bens , atividades e direitos individuais através de sanções , multas , interdições e outros meios .

A teoria de Marx apregoa que tal aparato repressivo atua “ao serviço das classes dominantes” , ou seja , a serviço dos interesses daquela classe detentora do poder político e econômico que utiliza-se do Estado para exercer este poder sob uma égide de legalidade sobre as demais classes sociais , de tal maneira que se por ventura estas classes vierem a se rebelar , reivindicando alterações estruturais em relação ao status

quo vigente , elas estarão “fora da ordem” pondo em risco a “segurança pública” e desta forma estarão sujeitas à ação do aparelho repressivo do Estado .

Estas normas jurídicas promulgadas não impedem o uso desmedido da força pelo Estado , apenas fundamentam-no juridicamente dando-lhe a aparência de justo porque legal . Este é o caso dos Atos Institucionais (AI's) , dos quais destaca-se o AI5 , promulgado durante a ditadura militar no Brasil , cassando qualquer direito individual e possibilitando as mais severas atrocidades contra aqueles que ousavam sequer questionar o governo militar constituído .

O governo republicano procedeu de forma similar , obtendo a autorização do Senado e Congresso para o envio de tropas a Canudos com o fito de dizimar uma comunidade que havia se tornado uma ameaça ao sistema de dominação vigente no século XIX no Brasil , baseado fundamentalmente na posse da terra .

Mais um ponto que devemos destacar sobre a teoria de Estado de Marx para dar continuidade ao nosso trabalho : o Estado é o alvo primordial da luta de classes política , ou seja toda a luta política entre as classes se dá tendo em vista a obtenção e manutenção do poder de Estado , seja por uma classe , seja por uma aliança de classes ou ainda por frações de classes .

A tomada do poder por determinada classe e , conseqüentemente , o domínio do poder do Estado por esta classe , não implica necessariamente na destruição do aparelho repressivo do Estado , apesar de que dependendo da espécie de regime político implantado a remodelação deste aparelho possa ser visada , tanto para aumentar seu poder coercitivo quanto para abrandá-lo , estando em função da necessidade de utilização desta força repressora pelo regime .

George Orwell, e seu livro *1984*, e filmes que abordam temas similares — traçar paralelos com filmes como *O Ovo da Serpente*, *Blade Runner*, *A ilha do Dr. Moreau*, *Sob o Domínio do Mal (The Manchurian Candidate)*

Estaremos fazendo uma análise de filmes e de livros de autores cujos trabalhos de alguma maneira se relacionam com os temas ora abordados.

Entre estas obras encontram-se o livro *1984* de George Orwell, o filme *Blade Runner* de Stanley Kubrick, *A Ilha do Dr. Moreau* de John Frankenheimer, o filme *O Ovo da Serpente*, de Ingrid Bergman, bem como o filme *Sob o Domínio do Mal (Manchurian Candidate)*, também de John Frankenheimer.

9. Análise do filme “The Manchurian Candidate”

Começando pelo filme *The Manchurian Candidate* (Sob o Domínio do Mal), filme de 1962 sob direção de John Frankenheimer, com a participação de Frank Sinatra, Janet Leigh, Lawrence Harvey e Angela Lansbury, estaremos analisando o tema da lavagem cerebral (*brainwashing*).

O filme apresenta um caso de utilização da técnica de lavagem cerebral e o perigo que a utilização de tal técnica poderia representar para o povo americano.

Devemos ter em mente o quadro tenso e conflituoso de meados da década de 50 até a década de 90, período este em que os Estados Unidos encontravam-se no embate representado pela então chamada “Guerra Fria” com a União Soviética.

A Guerra Fria deriva seu nome do fato de que ela pressupunha a existência no arsenal de ambas as superpotências, de armas nucleares capazes de aniquilar a terra diversas vezes, e, não obstante, os conflitos com armas convencionais de fato ocorriam em algumas localidades, principalmente em países de terceiro mundo como Vietnã e Coréia, entretanto a participação era, de parte a parte, indireta, através do fornecimento de armas ou o envio de assessores militares, ou então direta, com o envio de tropas para a região de conflito, todavia jamais se verificava o confronto direto entre as tropas americanas e as russas.

Dentro deste contexto, também devemos analisar que além do conflito de cunho militar, a Guerra Fria continha em si também o embate entre duas ideologias opostas, dois sistemas econômicos distintos e em muitos sentidos antagônicos, e em função disto o conflito incorporava, em seu arsenal, também as armas adequadas para este tipo de guerra: a propaganda ideológica; a veiculação, nos meios de comunicação de massa, de mensagens nitidamente se posicionando pró ou contra uma ou outra corrente; a repressão àqueles integrantes da sociedade considerados dissonantes; etc.

Sob este prisma, o trabalho do diretor John Frankenheimer, datando de 1962 — coincidentemente o ano do clímax do conflito da Guerra Fria, representado pela crise dos mísseis de Cuba, no qual o serviço secreto americano descobriu que a URSS estaria instalando mísseis nucleares em solo cubano, acionando uma ação vigorosa por parte de John Kennedy, então Presidente, para que retirasse os mísseis, o que foi cumprido pelo então líder soviético, Krushev — pode ser considerado como uma peça de propaganda ideológica, se posicionando fortemente e nitidamente contra o comunismo, ressaltando a situação frágil do sistema americano frente aos perigos desta nova maneira de *warfare*, ou seja, a guerra psicológica, a qual visava estabelecer o “controle da alma e do espírito”⁹.

É interessante notar como o filme marcou o período em que se buscava a justificativa para se incrementar esforços de pesquisa nesta área, por parte da comunidade de serviços secretos americana.

De fato, pesquisas nesta área já estavam sendo levadas a cabo a muito tempo, sendo que desde o final da II Guerra Mundial pesquisas já alcançavam um estágio avançado para a época, com a utilização de drogas alucinógenas e técnicas psicológicas behavioristas, inicialmente para se obter maior grau de cooperação por parte de pessoas sendo interrogadas, e posteriormente, visando formas de estabelecer uma relação de causalidade entre estímulo e reação, de maneira a: induzir comportamentos; produzir espiões perfeitos por conterem múltiplas personalidades, e outras aplicações semelhantes, encaradas como vantajosas para quem as tiver desenvolvido e também consideradas como uma questão de segurança nacional por proporcionar, através do conhecimento do mecanismo de seu funcionamento, maneiras de prevenção e defesa contra tais técnicas.

⁹ Retirado do diálogo final do personagem de Frank Sinatra, ao expressar seu pesar com o suicídio do personagem representado por Lawrence Harvey, cometido em decorrência das experiências de controle da mente perpetradas por especialistas do Instituto Pavlov, de Moscou.

Este filme granjeou fama também por prenunciar o assassinato de Kennedy em Dallas, 22 de novembro de 1963, dada a semelhança entre o enredo do filme e as circunstâncias misteriosas em que se deu o assassinato, no qual perduraram ainda muitas suspeitas no ar a respeito da verdadeira autoria do assassinato, uma vez que o próprio suspeito de ter cometido o assassinato, Lee Harvey Oswald, foi morto dois dias depois, por sua vez, por Jack Ruby, um proprietário de um bar em Dallas, e ligado à máfia.

O filme foi, supostamente por essa surpreendente semelhança com o caso Kennedy, censurado de passar na mídia por mais de 25 anos, tendo sido liberado apenas recentemente (1987).

Em linhas gerais o enredo do filme se baseia em uma história de ficção na qual experiências são perpetradas por cientistas e psicólogos russos em soldados americanos capturados na Coreia. Estes soldados começam a apresentar distúrbios psicológicos ao serem acometidos, recorrentemente, de sonhos perturbadores nos quais eles se apresentam em uma convenção de senhoras, e nesta convenção o capitão de seu pelotão, representado por Lawrence Harvey, aparece assassinando dois colegas a mando da oradora da convenção.

Percebe-se que as imagens oníricas que cada um projeta em seus sonhos, na verdade são derivados de condicionamentos produzidos pelas experiências de controle da mente, de tal maneira que eles sejam impedidos de se lembrar o que realmente se passou, tendo uma noção distorcida da realidade.

De fato o que aconteceu na suposta reunião é uma apresentação de cientistas do Instituto Pavlov para um auditório composto por representantes do exército vermelho russo, por representantes dos serviços secretos e representantes do exército chinês, dos resultados obtidos com a lavagem cerebral perpetrada no pelotão americano capturado na Coreia.

Nesta apresentação, o psicólogo responsável pelo lavagem cerebral, para provar para a platéia os resultados de seu experimento, pede ao capitão para estrangular seu

colega com um lenço, e logo em seguida pede para o major Marco (Frank Sinatra) lhe forneça sua arma para que em seguida ele possa atirar na cabeça do soldado mais novo do pelotão, o que ele faz sem hesitar.

A partir do controle da mente estabelecido nos integrantes do pelotão, conseguida de uma maneira que não fica explicitada no filme, os psicólogos do Instituto Pavlov conseguem inculcar nos soldados americanos que na verdade o que aconteceu com eles foi uma situação em que se viram irremediavelmente encurralados pelos norte-coreanos durante uma investida destes na Guerra da Coreia, quando então o sargento se sobressaiu à guisa de um verdadeiro herói, tomando de assalto um pelotão inteiro, salvando seus comandados da chacina iminente. Deste feita, o sargento logrou, ao retornar aos Estados Unidos, receber a medalha de Honra, ser promovido a capitão e empregar-se como jornalista em um influente jornal Nova-iorquino, tornando-se um homem perfeitamente respeitável na sociedade americana.

Neste ponto percebe-se a trama mais complexa do filme, na qual se insere o caráter psicológico personificado no personagem da mãe do capitão, uma mãe dominadora e maquiavélica, cujo marido senador nos é apresentado como um mero marionete manipulado pela ambiciosa mulher, em um papel brilhantemente representado por Angela Lansbury, o qual lhe rendeu o Oscar de melhor atriz coadjuvante.

Esta mãe do capitão Raymond nitidamente exerce sua influência tanto no capitão quanto no marido senador Johnny Iselin. Através desta manipulação engendrada por sua mulher, o senador Iselin começa a tecer acusações contra funcionários de Dpto. de Estado de que estes são, na verdade, comunistas infiltrados — completamente sem base factual de acusação e simplesmente visando obter a atenção do público americano, assemelhando-se neste sentido ao senador Mc'Carthy na década de 50, o qual ensejou a chamada "caça às bruxas" contra supostos comunistas americanos no governo — expediente que lhe rende efetivamente a nomeação para concorrer como candidato a vice-presidente pelo Partido Republicano à Presidência dos Estados Unidos.

No decorrer do filme, o capitão recebe uma série de chamados misteriosos pelo telefone que contém a palavra-chave “Jogo de Paciência”, quando então, após algumas cartadas, ao aparecer a carta “Dama de Paus”, esta carta se mostra nitidamente investida de carga valorativa e emocional adquirida através de condicionamento.

Através deste condicionamento imposto pelos especialistas do Instituto Pavlov, de Moscou, os controladores passavam a adquirir controle sobre as ações do capitão, sendo que sob este efeito o capitão tornava-se inconsciente de seus atos, simplesmente executando as ordens que lhe eram impostas.

Num destes episódios , o capitão, seguindo as ordens que lhe são misteriosamente enviadas, assassina o editor do jornal onde trabalhava, adversário político do Senador Iselin, e em outro episódio, ele assassina seu cunhado, um eminente político do Partido Republicano, feroz inimigo de sua mãe e da maneira que o Senador estava se utilizando para granjear reconhecimento público, e acaba assassinando também sua amada Josie, quem inadvertidamente apareceu na cena durante o assassinato.

Enquanto isto acontecia, o major Marco, representado por Frank Sinatra — no auge da fama de cantor e de ator — que havia sido companheiro do sargento no pelotão seqüestrado na Coréia, começa a ter sonhos recorrentes a respeito da Guerra, e descobre, ao fazer uma visita ao capitão, que também o cabo do pelotão estava tendo o mesmo sonho recorrente.

Através desta descoberta, ele consegue ganhar crédito junto a seus superiores, que até então desdenhavam de suas alegações que vinha fazendo a respeito dos sonhos com o capitão Raymond, como sendo *stress* de combate, e consegue descobrir o que estava acontecendo com o capitão, passando então a vigiá-lo.

Em um momento em que, involuntariamente, o capitão ouve a palavra-chave e passa a fazer o que haviam lhe ordenado, o major descobre o mecanismo de

funcionamento do controle exercido pelos russos, entretanto não é capaz de descobrir quem efetivamente é o contato americano dos russos.

Neste momento o espectador já consegue identificar o contato americano da trama russa como sendo a própria mãe do capitão que, exercendo sua poderosa influência no filho e, auxiliada pelo condicionamento adquirido pelo processo de lavagem cerebral, ordena que ele assassine o candidato Republicano à Presidência dos E.U.A., restando ao candidato a Vice-Presidente, o senador Iselin, o legado político derivado da morte trágica do candidato a presidente, o que obviamente comoveria a população americana a votar a seu favor, de acordo com o previsto pela maquiavélica mãe do capitão Raymond.

A personagem da mãe _____ também neste ponto vaticina que o governo que subirá ao poder será um governo totalitário, no qual não haveria quaisquer liberdades individuais garantidas, e em que a lei de segurança nacional — considerada por alguns uma lei por demais cerceadora dos direitos e liberdades individuais — pareceria branda perto do que seria implantado quando eles lograssem chegar ao poder.

De acordo com o diálogo do filme, esta seria a situação em que se daria o assassinato:

“Foi decidido que você estará vestido de padre.

Para ajudá-lo a sair da confusão depois.

Jiu Jim vai lhe dar um rifle do exército soviético. Ele cabe muito bem em uma mala especial.

Há uma cabine de luz que não estará em uso. Fica no telhado da 8ª avenida, no jardim.

Você terá uma visão bem clara e protegida.

Você deve atirar no candidato na cabeça.

E Johnny se levantará corajosamente e erguerá o corpo dele em seus braços. Ficará diante dos microfones e começará a falar.

O discurso é curto, mas será o mais formidável que eu já ouvi.

Tem funcionado aqui e na Rússia há mais de oito anos.

Eu forçarei alguém a afastar o corpo dele.

Então Johnny realmente se dirigirá àqueles microfones, coberto de sangue, repelindo a quem tente ajudá-lo.

Defendendo a América mesmo que signifique a sua morte.

Levando uma nação de espectadores de televisão à histeria, que nos colocará na Casa Branca com poderes que fará a Lei Marcial parecer uma anarquia.

Agora, isto é muito importante.

Quero que o indicado seja morto dois minutos depois de ele começar seu discurso de aceitação, dependendo de sua leitura.

Você deve atingí-lo bem no instante em que ele terminar o trecho:

‘Nem eu pediria a qualquer compatriota americano, em defesa de sua liberdade o que eu mesmo não daria com satisfação. Minha vida, antes de minha liberdade.’

Ficou totalmente claro ?
Repita para mim Raymond.

Raymond — ‘Nem eu pediria a qualquer compatriota americano, em defesa de sua liberdade o que eu mesmo não daria com satisfação. Minha vida, antes de minha liberdade.’

Eu sei que você jamais compreenderá inteiramente isto Raymond, mas tem que acreditar que eu não sabia que seria você. Servi a eles, lutei por eles, estou no ponto de conquistar para eles o maior apoio que eles terão neste país. E eles me retribuem retirando a sua alma de você. Pedi que me construíssem um assassino. queria um assassino de um mundo cheio de assassinos e eles escolheram você porque pensaram que isto me deixaria mais perto deles. Mas agora estamos quase perto do fim. Um último passo, então quando eu assumir o poder eles serão jogados no chão, e do chão para a lama pelo que fizeram com você. E o que fizeram tão desdenhosamente me subestimando.”¹⁰

Após pronunciar estas palavras, a personagem da mãe beija seu filho Raymond na boca, introduzindo também na trama o caráter psicológico do complexo de Édipo, sugestionando ao público que poderia haver também uma relação incestuosa entre Raymond e sua mãe.

Neste contexto têm-se todo o cenário exposto aos olhos do espectador: o assassino involuntário, inconsciente dos seus atos; a mãe manipuladora, tecendo uma trama maquiavélica para tomar o poder e tornar os Estados Unidos um país semelhante à União Soviética no que diz respeito à falta de liberdades (Estado Totalitário); o Major do Exército que descobre o mecanismo de funcionamento do controle exercido pelos russos em seu colega, capitão Raymond. A partir deste cenário desenhado cuidadosamente pelo diretor Frankenheimer, consegue-se obter uma situação naturalmente tensa no espectador, que não sabe qual será o resultado do filme.

Será que o assassino matará o candidato a presidente ? Será que o personagem de Frank Sinatra conseguirá descobrir a tempo a trama e impedir o assassinio ?

¹⁰Diálogo do filme *The Manchurian Candidate* em que Angela Landsbury assinala a seu filho, o qual havia sido transformado em assassino involuntário, a missão de matar o candidato à presidência pelo Partido Republicano.

Este tipo de suspense é comum em filmes deste gênero e, até certo ponto, previsíveis, uma vez que lançam mão de processos psicológicos que podem ser considerados até certo ponto simples, visando a escolha, por parte dos espectadores, de uma dos cenários possíveis, elaboradas pela trama: de um lado temos uma condição ameaçadora — os Estados Unidos se tornar um país totalitário, com a perda dos direitos e liberdades adquiridas através de anos de história de conquistas neste campo — e de outro lado temos a salvação — o representante do exército americano, na condição de defensor dedicado à pátria e à defesa do “*American way of life*”, conseguindo libertar o país da ameaça soviética, prevenindo que esta situação maléfica possa vir a se concretizar.

Nestas circunstâncias, para qual dos dois lados você — como um espectador americano, imbuído dos valores tipicamente americanos e ciente da ameaça representada pela guerra fria — estará pendente a apoiar ?

No meu entender seria precisamente este resultado que se logra obter na *psique* da maioria dos espectadores. Frente a estas alternativas, obviamente que se gera obter uma situação emocional por parte do espectador que o leva a apoiar o país e seu modo de vida, os privilégios e liberdades adquiridas, e se execra o comunismo e tudo que ele representa — de acordo com o filme, os valores que estão associados aos comunismo é a perda de liberdades, a hipocrisia, a falta de moralidade dos comunistas ao aplicar nos valentes soldados americanos um procedimento vil e maléfico como o *brainwashing*.

Ou seja, as questões que devem ser analisadas neste momento dizem respeito à Ideologia do filme e ao resultado psicológico que se desejaria obter: quais objetivos o filme poderia vir a almejar, se é que algum; existe alguma impressão mais nítida e mais forte que se releva em alguém após assistir ao filme; o que esta impressão, se é que existe alguma, poderia estar induzindo em termos comportamentais na platéia, passado um determinado período de tempo, ou seja, quais seriam os efeitos residuais de tal estimulação da platéia; o filme apresentaria algum efeito no subconsciente das pessoas ??

O enredo do filme continua com o personagem do major indo ter com o capitão, enquanto este ainda não estava sobre os efeitos do transe maléfico, e liberta-o do controle exercido, através da exposição de uma baralho contendo apenas a carta de Dama de Paus — figura chave para a introdução do estado de transe. Assim, fazendo o major Marco supostamente liberta o capitão do controle daqueles que o haviam subjugado.

No dia da convenção do partido Republicano, o capitão Raymond, prosseguindo como havia sido combinado previamente, entra no prédio disfarçado de padre, levando em sua maleta um rifle, com o qual ele assassinaria o candidato a presidente.

A estas perguntas devemos nos referir a Ideologia e Propaganda Política e Ideário Social, livro que aborda esta questão psicológica das mensagens com grande propriedade.

Podemos concluir que este filme representa um exemplo de utilização ideológica desse meio de comunicação de massa que é o cinema.

PARTE II:

ESTUDO DE CASO

10. Euclides da Cunha — Ideólogo do Republicanismo

A obra de Euclides da Cunha é imortal não somente pelo fato de o tema abordado em seu livro *Os Sertões* ser o de uma tragédia nacional — uma catarse inimaginável de todas as mazelas de nossa injusta sociedade de então, com uma economia fundamentalmente agrária, agragada em grupos específicos muito distintos, proprietários de terras de um lado e não proprietários de outro — mas a obra de Euclides da Cunha se agiganta e se torna imortal mais pela força extremamente racional e erudita de sua linguagem e de seu estilo literário rebuscado e hermético, que se vale de figuras de linguagem contundentes e poderosas, as quais são utilizadas pelo autor com uma destreza e habilidades incontestáveis.

Tais figuras de linguagem tiveram por efeito tornar sua versão quase como a versão final e definitiva dos fatos ocorridos no sertão baiano, versão esta um tanto quanto impermeável e não aberta a discussões e debates sobre sua veracidade, validade, ou mesmo historicidade dada a genialidade de sua composição e, principalmente, dada a adequabilidade da obra às exigências de racionalização do ocorrido nos moldes de uma visão do “litoral”, favorável às visões da burguesia agrária e dos republicanos, elementos em última instância responsáveis pelo ataque a Canudos.

Não importava que esta versão dos fatos contivesse tanto verdades factuais quanto inverdades, meticulosamente articuladas dentro de um contexto elaborado para parecer que o que se sucedera era em função direta da insania de um indivíduo messiânico que, usando de seu carisma e liderança, induziu toda uma população de sertanejos à desgraça e à destruição completa. O fato de a sociedade brasileira naquela época — como ainda a sociedade de hoje em escala e dimensão diferentes — apresentar sinais extremamente acentuados de divisão e exclusão social não era tão relevante, ao menos não para a versão encomendada por seus patrocinadores do jornal *O Estado de São Paulo* e os demais republicanos, sendo um elemento apenas longinqüamente cogitado por Euclides da Cunha para basear uma explicação das causas subjacentes do ataque a

Canudos, do holocausto que se verificou e — como que para coroar toda a guerra com o caráter de *vendetta*, em uma homenagem macabra ao coronel Moreira César, falecido em Canudos — da final degola dos sertanejos por parte das tropas republicanas.

Naquilo em que os republicanos e a elite agrária se propuseram, ou seja, eliminar uma comunidade dissonante, e que de certa forma poderia tender a se expandir e servir como modelo paradigmático para uma nova sociedade um pouco mais igualitária das que se usualmente verificava nas longínquas regiões do sertão, podemos dizer que se obteve um grande sucesso, apesar que também a um alto custo financeiro e logístico.

Estima-se que no embate em Canudos, não menos do que **um terço** do efetivo do exército fora empregado para a consecução do holocausto¹¹.

Com efeito, parece que o acre relatório da missão de capuchinhos, chefiada por Frei João Evangelista de Monte Marciano, enviada a Canudos em 1895, obteve seu intento com êxito, assentando no espírito da opinião pública as bases para a aceitação do massacre, uma vez que afirmava que os canudenses estavam em franca contradição aos preceitos da Santa Sé, ao se rebelarem ao governo constituído. Segundo um dos trechos do relatório:

“(. . .) Fora estas ligeiras interrupções, a missão correu em paz até o quarto dia, em que eu preguei sobre o dever da obediência à autoridade, e fiz ver que, sendo a República o governo constituído no Brazil, todos os cidadãos, inclusive os que tivessem convicções contrárias, deveriam reconhecê-lo e respeitá-lo. Observei que neste sentido já se pronunciara o Summo Pontifice, recomendando a concórdia dos catholicos brasileiros com o poder civil; e concluí, declarando que se persistissem em desobedecer e hostilizar um governo que os brasileiros quasi na sua totalidade aceitara, não fizessem religião pretexto ou capa de seus ódios e caprichos, porque a igreja catholica não é nem será nunca solidária com instrumentos de paixões e interesses particulares ou com parturbadores da ordem pública.”¹²

De fato podemos asseverar que, como analisamos anteriormente no caso específico da Revolução Inglesa, o Aparelho Ideológico Religioso neste caso se portara da maneira que seria de se esperar, coerente com os esforços de uma elite dominante para debelar a

¹¹Segundo o texto de José Calasans, com apresentação de Francisco Costa, na Revista da USP nº 20 — Dossiê Canudos.

¹²O *Relatório sobre Antônio Conselheiro e seu Séquito no Arraial dos Canudos*. Bahia. Tipografia do jornal *Correio de Notícias*. 1895.

aglomeração de canudenses em torno de Antônio Conselheiro, condenando veementemente o desrespeito dos canudenses às autoridades constituídas, porém sem levantar uma palavra contra o holocausto encetado pelo governo republicano.

De acordo com o historiador José Calasans, um dos maiores estudiosos e pesquisadores acerca da Guerra de Canudos, comentando o a missão de Frei Evangelista e o Relatório¹³:

“ O frade italiano não possuía as qualidades essenciais para levar a bom termo ação religiosa tão importante. Após uns poucos dias de permanência em Canudos, a trindade missioneira teve de abandonar o local, agravando assim o relacionamento dos canudenses com o poder público. Se, porém, a finalidade do missionário resundou em malogro, o Relatório elaborado, impresso e divulgado longamente, passou a constituir elemento essencial à história do núcleo dito “monarquista” do interior baiano. Disse-nos, certa feita, frei Inocêncio, capuchinho, que conhecera pessoalmente frei João Evangelista, com quem morara no convento da piedade, Bahia, haver sido o conhecido Relatório redigido pelo monsenhor Basílio Pereira (1850-1930), personalidade de relevo no clero baiano, escritor e orador conceituado, irmão dos ilustres doutores Manuel Vitorino Pereira e Antônio Pacífico Pereira. O sacerdote era muito ligado aos frades capuchinhos do Convento da Piedade. Realmente, tudo nos leva a crer ser de sua autoria o valioso documento, escrito em boa linguagem. O chefe da missão não se distinguia pela clara redação. Falava de maneira desabrida, misturando a língua materna com o idioma da terra de adoção. Suas pregações, segundo as tradições correntes, eram repletas de ameaças anunciadoras de tremendos castigos celestiais. Por isso mesmo, inábil no encaminhamento de problema tão significativo e sensível como o episódio do Belo Monte. Malograda a louvável iniciativa pacificadora, restou, como dissemos, o Relatório informativo, embora, evidentemente, parcial, apaixonado mesmo, em alguns pontos.
(...)

Julgando haver encontrado um agrupamento rebelado, desrespeitador da lei, cerceador das liberdades públicas, indicava para resolver aquele flagrante atentado as necessárias providências do poder civil para o restabelecimento da lei e do culto católico.
Em resumo, pedia a intervenção do governo estadual.”

Como pudemos ter a oportunidade de ver através deste relato, a inferência de que o Relatório não foi nem mesmo escrito pelo Frei João Evangelista, ao ganhar plausibilidade em face das circunstâncias descritas por Calasans, também corrobora a afirmação de que, mais uma vez, a religião oficial adotava uma posição francamente favorável ao governo constituído, sendo que, muito provavelmente, o responsável pela feitura do Relatório, o monsenhor Basílio Pereira, era também intimamente ligado às elites oligarcas baianas, obtendo em função desta proximidade com a elite e deste posicionamento pró-República, grande cobertura em todos os jornais do País para seu Relatório, apenas assinado por frei João Evangelista.

11. Canudos: papel da imprensa

Dentro deste contexto em que se verificava o esforço da elite para produzir, na opinião pública, o ambiente necessário para se execrar Canudos e combatê-la, lançando mão de todos os meios que assim o exigissem as circunstâncias, inclusive a guerra se preciso fosse, insere-se também perfeitamente o trabalho do jornalista, republicano, militar e engenheiro Euclides da Cunha, trabalhando para um jornal igualmente republicano e conservador e racista, como teremos a oportunidade de averiguar posteriormente, o jornal *O Estado de São Paulo*.

De fato, a versão do eminente jornalista vinha ao encontro das necessidades prementes de se explicar, e na medida do possível justificar, aquela gigantesca insanidade coletiva promovida principalmente, ao meu ver, pelo vislumbamento por parte da classe dos proprietários de terras e burguesia agrária, da enorme ameaça que aquela comunidade sertaneja, baseada em princípios igualitários e, principalmente que seu líder visionário com suas idéias libertadoras, poderiam representar para a continuação da dominação imposta aos sertanejos pelos latifundiários e grandes proprietários rurais, os quais detinham, em muitos casos, não somente o poder econômico, mas também o poder político dentro de suas áreas de influência.

Tendo sido então criada esta versão dos fatos, que na verdade resultou de uma conjunção de esforços de praticamente todos os órgãos de imprensa da época do embate — com exceção de alguns jornais monarquistas que tiveram suas redações atacadas e suas prensas empasteladas — o passo final seria o de validar, noticiar e propagar a versão, o que se deu também em uma dimensão e alcance assombrosos, passado um primeiro momento de cautelosa apreensão, dado o tema extremamente delicado para a memória nacional.

Uma vez feita a validação da versão, o livro obteve grande sucesso editorial (após a primeira versão ter sido financiada pelo próprio Euclides), era noticiado na imprensa e no meio acadêmico, e cada vez mais rapidamente se propagava, tendo sido dado

¹³José Calasans. Revista da USP nº 20 — Dossiê Canudos.

caminho aberto e talvez até apoio financeiro para esta expansão, dada a ânsia por parte de nossa sociedade por uma explicação racional e plausível para a tragédia que se sucedera.

E certamente racionalidade era o que não faltava no estilo literário de Engenheiro Civil e ex-tenente Euclides da Cunha. Com efeito, abundavam em seu texto referências científicas à teoria Social-Darwinista de Gumpowicz e do Conde de Gobineau, a qual de maneira geral propugnava a proeminência da raça superior, a raça branca, e sua ascendência sobre as raças mais primitivas, nomeadamente a raça negra, tida por ele como sendo selvagem.

Sem dúvida nenhuma, para um país que somente recentemente havia libertado os escravos do seu domínio pelos proprietários, como se estes fossem cabeças de gado ou mercadorias como outras quaisquer, e não seres humanos, a teoria utilizada por Euclides da Cunha poderia soar como sendo científica, apesar de hoje sabermos que estas teorias pseudo-científicas não somente não têm nenhum respaldo na realidade, como também sabemos que estas teorias seriam o embrião teórico que futuramente chegariam a gerar preconceitos que culminariam na “solução final” do Nazismo, com o extermínio de milhões de judeus, homossexuais, ciganos, doentes mentais e deficientes físicos, tidos como “inferiores” ou raça “impura” pelos alemães.

Caso fôssemos considerar realmente a Guerra de Canudos como sendo motivada por um embate de culturas e de etnias diferentes, como parece insinuar Euclides da Cunha, poderíamos também considerar que este episódio foi um precursor dos processos de eugenia na Europa no no começo do século XX, processo que perdurou até meados da década de 60 e 70 em alguns países europeus como a França e Suécia, os quais somente recentemente admitiram terem perpetrado operações de infertilização em doentes mentais e na camada mais pobre da sociedade, em nome da limpeza da raça.

Porém acreditamos que a Guerra de Canudos foi motivada muito menos em função de uma “limpeza étnica” e mais em função de uma disputa interna de poder, com a República ainda recente tentando conter todas as rebeliões que pudessem vir a surgir,

tais como o episódio da Revolta da Armada e a Revolução Federalista. Além disto, havia o fato extremamente importante e relevante de que Canudos ameaçava poder vir a se tornar um bastião para aqueles que avidamente buscavam refúgio do excessivo domínio dos coronéis latifundiários da região.

Como se não bastasse o fato de que Canudos crescia a uma taxa impressionante, evidenciando o enorme apelo popular que incitava nos sertanejos, não devemos nos esquecer que ela era uma comunidade auto-suficiente e extremamente capacitada em termos econômicos, onde a terra era cultivada comunitariamente e o produto era dividido igualmente entre os moradores — podemos considerar como inexistente a fome na cidade — e o excedente da produção era comercializado com cidades circunvizinhas, sendo o lucro utilizado com a comercialização utilizado para adquirir outros mantimentos necessários e equipamentos para o cultivo da terra.

Com relação à situação econômica da cidade comenta Afonso Arinos no livro “*Os Jagunços*”¹⁴:

“A verdade é que, nem Tacaratu, nem Simão Dias, nem Geremoabo, nem Monte Santo, nenhuma das cidadezinhas do sertão, ao norte, ao sul, ou à beira do São Francisco, era tão movimentada, tão trabalhadora e tão morigerada como Belo Monte, que o povo de fora chamava de Canudos (. . .) Cada dia aumentava o número de fiéis que acorriam a ouvir-lhe a palavra cheia de fogo e persuasão.

(...) Já um templo, ainda humilde, se ergue ali. As muralhas de outro, mais alto e mais espaçoso, estão levantadas. Um formigueiro de gente trabalha na conclusão dele. Enquanto homens passeiam pelos andaimes e a trolha do pedreiro acama o reboco, uma fila de mulheres e crianças consuz pequenas pedras e barro.

(...) A gente da redondeza comerciava francamente com Belo Monte, sem o mínimo receio. Lá entravam diariamente cargueiros carregados, vindos das fazendas mais próximas. Os fazendeiros já mandavam de longe para lá suas tropas carregadas de mantimentos. Muita gente vinha para aí como para uma peregrinação.”

Cabe ressaltar que esta obra, *Os Jagunços*, apesar de o nome ser indutivo para uma conclusão de que realmente os canudenses eram jagunços em sua grande maioria, é um relato que aborda os canudenses com mais calidez e simpatia que as obras mais em voga na época, ainda em grande parte lançadas em comemoração da estrondosa vitória do exército republicano sobre os selvagens jagunços de Canudos, dentre estas destacando-se *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

¹⁴Afonso Arinos. In *Obra Completa*. Rio de Janeiro. 1979.

Cultura e Desenraizamento

Nas palavras de Simone Weil¹⁵, o enraizamento é “talvez a necessidade mais importante e mais conhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

Isto reflete-se muito nitidamente no caso concreto de Canudos, na medida em que o enraizamento do povo sertanejo estava sendo buscado desesperadamente em um lugar onde a expressão natural de sua cultura pudesse proliferar e se expandir, sem as barreiras da dominação e da imposição de culturas exógenas.

A comunidade de Canudos representava, para muitos residentes, a possibilidade de conseguir viver onde haviam reais perspectivas de habitar e trabalhar em chão próprio, e não dos latifundiários, além de propiciar a educação dos filhos e a realização do culto religioso, à maneira própria dos sertanejos, sob o comando de Antônio Conselheiro e do vigário da região, que costumava ir à cidade para realizar casamentos, batismos e outras cerimônias.

Em outras palavras, Canudos representava a possibilidade de enraizamento para o povo sertanejo, tão massacrado pelos coronéis e agora sujeitos ao pagamento de impostos para a República oligárquica.

Não era de se admirar que o embate das culturas pudesse se dar de maneira tão violenta e de uma maneira que não abria possibilidades ao diálogo, dada a diferença de culturas se verificava em pontos cruciais, e dada a intransigência de ambas as partes em negociar uma saída pacífica para o conflito.

¹⁵Weil, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1979. p. 317

12. História de Antônio Conselheiro e da comunidade de Canudos

12.1. Antônio Conselheiro

Escrever sobre este homem misterioso , carismático e decidido , dotado de liderança e ascendência sobre o povo sertanejo , o qual muitas vezes caminhava grandes distâncias para ouvir suas prédicas e pedir conselhos , é tarefa extremamente complicada e desgastante uma vez que alguns o julgam insano , fanático e líder se jagunços (entre estes destaca-se Euclides da Cunha) enquanto outros mais ponderados e sensatos o classificam como líder religioso sertanejo, homem culto e eloqüente e talvez até revolucionário, em função de sua notável insubmissão em relação à República e ao modo de dominação injusta exercida pelos grandes latifundiários e coronéis sobre o povo humilde do sertão .

Adentrar portanto nas diversas caracterizações históricas a respeito de Antônio Vicente Mendes Maciel implica forçosamente na necessidade da desconstrução sistemática das cargas valorativas imprimidas nas interpretações históricas e também na necessidade de estabelecimento de critérios para a seleção de informações concernentes à sua imagem e biografia , uma vez que os dados e as interpretações fornecidas pelos historiadores muitas vezes não são unívocos . No caso presente o critério utilizado foi a aceitação de dados mediante o cruzamento de informações provenientes de diversas fontes e de diversos autores , sendo que somente através deste processo de cotejamento pode-se obter razoável confiabilidade factual .

Foi exatamente através deste processo mencionado que as distorções de sua imagem e da comunidade de Canudos produzida por autores da época , estimuladas principalmente pelo tenso clima político vigente e pela necessidade de justificação oficial quando da época do embate a tamanha mobilização de forças terrestres , puderam ser desmascaradas e a imagem de Canudos e Antônio Conselheiro paulatinamente foram

sendo restituídas à veracidade histórica que hoje já se encontra razoavelmente estabelecida , principalmente em função de trabalhos de diversos historiadores que tiveram a coragem de romper com a visão estabelecida pelos vencedores , adotando uma atitude iconoclasta para o tratamento desta questão espinhosa e sensível para muitos (Guerra no sertão , degola dos canudenses após sua rendição , empastelamento dos jornais que defendiam a monarquia , etc).

12.2. Antônio Vicente Mendes Maciel

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu no dia 13 de março de 1830 em Santo Antônio de Quixeramobim¹⁶ , filho do vaqueiro e posteriormente comerciante de Quixeramobim Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus ; Vicente era membro do clã dos Maciéis que nesta época encontrava-se em feroz luta de famílias com Araújo , outra família tradicional do Ceará , os quais haviam acusado o Maciéis de cometerem roubos em sua propriedade , porém como asserta Edmundo Moniz¹⁷ " Esta acusação infundada e falsa , não passava de pretexto para expulsar da região os Maciéis " , ou seja , naquela época as famílias detentoras de terras , ricas e poderosas , muitas vezes faziam a justiça com as próprias mãos , ou através de assassinos contratados , certos da impunidade advinda da conivência das autoridades locais. Estes conflitos representavam a disputa pelo poder político derivado da posse da terra , sendo que amiúde os grandes proprietários expulsavam os donos de pequenas propriedades , muitas vezes matando-os , e englobavam suas terras ampliando ainda mais sua hegemonia sobre a região .

A luta entre os Araújo e os Maciéis teve início em 1833 e embora Vicente fosse membro do clã dos Maciéis , este preferiu distanciar-se do violento conflito juntamente com sua família e estabelecer-se como comerciante na praça de Quixeramobim , o melhor ponto de comércio da cidade , chegando a construir várias " boas casas " nesta localidade .

¹⁶Alguns autores dizem 1828

¹⁷Guerra Social de Canudos , p.17

Antônio Vicente ficou órfão de mãe aos seis anos de idade juntamente com suas duas irmãs ainda menores, Francisca e Maria. Após um período de dezessete meses de viuvez Vicente casou-se novamente, desta vez com Francisca Maria da Conceição, que segundo vários autores não poupava maus-tratos ao garoto Antônio e suas irmãs, sobretudo quando brigava com o marido. Francisca, mulher autoritária e severa, havia instituído uma rígida disciplina religiosa que deveria ser observada dentro de casa. Dentro deste segundo matrimônio nasceram mais duas irmãs, Dorotéia e Rufina, as quais tinham o privilégio de não ter o mesmo tratamento severo que Francisca dispensava aos enteados, filhos do primeiro casamento de Vicente.

Antônio provavelmente ressentira-se muito com a morte de sua mãe, e devia guardar tristes recordações do tempo em que foi submetido aos maus-tratos da madrasta, ainda na idade de tenra infância.

Vicente ainda tentou internar o rapaz no seminário, almejando para seu filho primogênito a carreira sacerdotal, porém Antônio negou a oferta e preferiu permanecer em sua cidade e estudar ali mesmo, apesar da raiva com que sua madrasta o tratava; ele havia aprendido a ler e escrever com o pai do capitão Raimundo Francisco das Chagas e posteriormente ingressou na escola do Professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, onde iria a aprender aritmética, francês, geografia, latim e português. É importante notar que na biografia de Antônio Conselheiro feita por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, esta fase da sua vida é completamente omitida, não sendo mencionado em nenhum momento do livro a educação formal de Antônio Conselheiro, aliás estas omissões de pontos-chave da sua vida são recorrentes em sua obra, além da utilização de interpretações duvidosas do ponto de vista histórico em diversas outras passagens como ainda veremos adiante.

Segundo o historiador Edmundo Moniz " nesta época suas leituras preferidas eram o *Lunário perpétuo*, *A Princesa Magelona*, *As Guerras do Imperador Carlos Magno* e

Os Doze Pares de França "18. João Brígido dos Santos foi seu colega de escola e confirma que " Antônio Vicente [...] , quando menino , teve certa cultura e começou estudos de latim "19 ; João Brígido tornou-se conhecido advogado , jornalista , escritor e polemista e escreveu um livro sobre a disputa de famílias no Ceará , no qual consta a disputa entre os Maciéis e os Araújo e também " restabeleceu a verdade sobre o passado de Antônio Conselheiro , totalmente deturpado pelo noticiário da imprensa , depois da Guerra de Canudos. "20

Antônio abandonou os estudos sem procurar um seminário , e passou a auxiliar seu pai em seu estabelecimento comercial como caixeiro .

Nesta época os negócios de Vicente já estavam decadentes em função de maus investimentos e também ao alcoolismo ao qual Vicente havia sucumbido.

Vicente faleceu a 5 de abril de 1855 , sendo que " os problemas financeiros da família se tinham agravado ainda mais devido a especulações irresponsáveis "21; Antônio Vicente assumiu os negócios do pai aos 25 anos , ficando responsável também pelas quatro irmãs mais jovens e pela sua madrasta .

As condições em que Antônio recebeu sua herança foram extremamente desfavoráveis , " já que a maioria [dos bens] destinava-se a cobrir as dívidas deixadas. Ele assumiu os negócios paternos tendo que lançar mão de uma hipoteca para cobrir os outros empréstimos ."22

Deve-se considerar também a crise na economia cearense devido às secas as quais exauriam as terras e as searas , e ainda geravam enormes fluxos migratórios de cearenses para outras paragens em busca de trabalho e alimentação²³.

¹⁸Idem , p.16

¹⁹Canudos - o povo da terra , Marco Antônio Villa , p.15

²⁰Guerra Social de Canudos. Edmundo Moniz , p.16

²¹O sertão prometido - massacre em Canudos. Robert Levine , p.184 nota n.o 12

²²Idem , p.184

²³Canudos - o povo da terra , p.15

No ano seguinte morre sua madrasta , aos trinta e nove anos , sofrendo de alienação mental. Antônio responsabilizou-se pelo casamento das quatro irmãs e somente depois foi contrair matrimônio em 1857 , aos vinte e sete anos , com uma prima chamada Brasilina Laurentina de Lima , filha da irmã de seu pai , Francisca Maciel , parente famosa pela combatividade que havia apresentado no conflito com os Araújos .

Foi infeliz no casamento pois constantemente indispunha-se com a sogra , dona de uma língua ferina , que freqüentemente açulava a filha contra ele , o que levava o casal a constantes desentendimentos e consternações .

Em 1859 liquidou os negócios vendendo o restante das posses que ainda lhe sobrara e criou uma pequena escola na Fazenda Tigre , próxima de Quixeramobim , onde lecionava português , aritmética , geometria e conhecimentos gerais . Novamente aqui verifica-se a omissão desta informação concernente à sua carga cultural no livro de Euclides , uma vez que ao se evidenciar o embasamento cultural de Antônio Vicente algumas de suas asserções pareceriam verdadeiras quimeras grotescas , dissociadas completamente da realidade e de fato adquirindo contornos de mistificação.

Abandonando a fazenda Tigre , mudou-se para Tamboril , onde trabalhou como balconista de uma loja , abrindo em seguida sua própria loja de secos e logo depois uma filial em Campo Grande , entretanto ambas foram à falência.

Antônio também trabalhou como caixa numa loja de propriedade do major Domingos Sabóia , um coronel-comerciante na cidade de Campo Grande .

Como vimos anteriormente , a economia do Ceará encontrava-se em crise em decorrência da severa estiagem a que a região foi submetida , o que explica em parte a constante troca de empregos e de cidades realizada por Antônio Vicente Mendes Maciel que buscava , como tantos outros , a sua subsistência e a de sua mulher que , nesta época , já estava esperando o primeiro filho do casal .

A casa comercial em que trabalhava encerrou suas atividades , também em função da crise , e Antônio Vicente , utilizando-se de seu embasamento cultural , passou então a ganhar a vida como requerente ou solicitador no foro, atuando como rábula. Nesta época nasceu seu primeiro filho .

De Campo Grande mudou-se com a família para Ipu onde continuou a exercer a mesma profissão de requerente no foro desta cidade . Aí também nasceu seu segundo filho , em 1860 .

Em Ipu , Brasilina teve um caso com um furriel da milícia cearense (um tipo de soldado não-comissionado , de patente entre cabo e sargento) fugindo com ele . Após ter sido abandonado pela mulher , Antônio Vicente deixou seus filhos sob a guarda da mãe de Brasilina.

Deixou Ipu e retornou a Tamboril , onde novamente se dedicou ao magistério na fazenda Santo Amaro. Em Tamboril, no ano de 1861, conheceu uma artesã, conhecida pelo nome de Joana Imaginária, e com ela passou então a viver, e desta união nasceu um filho chamado Joaquim Aprígio.

De 1865 a 1871 Antonio Vicente perambulou pelas redondezas de Quixeramobim, exercendo diversas atividades para sobreviver até que, em 1871, um credor que havia acionado a justiça para receber uma quantia de 168\$268, relativa a um empréstimo contraído em 1869, ganhou a causa e a justiça condenou Antônio Vicente a pagar pela quantia devida, acrescida de juros e das custas do processo. Todos os seus bens, que já não representavam uma grande quantia na época, foram penhorados para

saldar a dívida, dentre estes um relógio de prata, uma corrente de ouro para relógio, um colete, um chapéu, um paletó e alguns animais.

12.3. A Transmutação de Antônio Vicente para Antônio Conselheiro

E desta maneira, sem emprego fixo, espoliado e abandonado pela mulher, Antônio Vicente deixou Quixeramobim e resolveu sair do Ceará.

Deu-se então o início da peregrinação de Antônio Conselheiro por toda a região do sertão do Nordeste. Envolto em um traje índigo azul americano, deixou crescer sua barba e cabelos grisalhos, sobre os quais usava um chapéu de abas largas, e passou então a viver uma vida de asceta e beato, caminhando com o auxílio de um bastão, trazendo nas costas um surrão de couro no qual guardava apenas seus livros, papel e tinta para seus estudos e anotações. Em cada localidade por onde passava pregava aos sertanejos a respeito da necessidade de se praticar boas ações, sobre a moral e bons costumes.

Estes seus modos começaram a lhe granjear fama, sendo que em 1874 a primeira notícia a seu respeito foi publicada no periódico *O Rabudo*, de Sergipe.

Além de fazer suas costumeiras rezas e prédicas, Antônio Conselheiro, com a anuência do cônego da paróquia, também organizou um esquema de mutirão entre os sertanejos seus seguidores para a restauração da Igreja da Rainha dos Anjos e a construção de um cemitério.

A partir do momento em que sua fama começara a crescer, iniciava-se também seu conflito com as autoridades, eclesiásticas e políticas, que culminariam na sangrenta Guerra de Canudos.

Antônio Conselheiro ao chegar a Itapicuru, em meados de 1874, consegue que o cônego Agripino da Silva Borges, o qual era ligado ao Partido Liberal, consinta em

ceder uma casa abandonada para a realização das orações diárias, para onde todos os dias afluem grande número de fiéis.

Defronte à casa mencionada residia o delegado de polícia Boaventura da Silva Caldas, simpatizante do Partido Conservador, que resolveu por bem pôr fim àquela balbúrdia e expulsar os conselheiristas da cidade e, para tanto, solicitou um destacamento policial para forçar sua retirada.

Os conselheiristas não desejavam confrontar-se com as forças policiais requeridas pelo delegado precisamente com o fito de expulsá-los da cidade e, destarte, antes que o pior acontecesse, puseram-se em marcha a caminho de Sergipe. Mal sabiam eles que a intolerância das autoridades estava longe de ter fim e que, pelo contrário, tendia somente a avolumar-se na medida exata em que crescia o número de prosélitos de Antônio Conselheiro, e que sua fama de beato conselheiro espriava-se pelos confins do sertão. Obviamente sua pregação atentava contra os interesses de muitos, os quais naturalmente não estavam dispostos a ficar assistindo passivamente a atuação de Antônio Conselheiro.

Os párocos eram instruídos a não permitirem a leigos a pregação em suas paróquias, portanto muitas vezes Conselheiro era impedido de fazer suas pregações pelos párocos, e as autoridades governamentais e muitos poderosos coronéis, por sua vez, sentiam-se ameaçados por Antônio Conselheiro pois, além de suas prédicas com conteúdo religioso e moral, Conselheiro proferia também discursos veementemente contra a injustiça que imperava no sertão, onde a ordem social era baseada na posse da terra, e onde os camponeses eram constantemente explorados pelos latifundiários e coronéis inescrupulosos. Devemos ter em mente que a passagem de Antônio Conselheiro pelos arraiais e vilarejos suscitava sempre uma grande afluência popular às suas prédicas, em função de sua notável loquacidade e conhecimento da Bíblia, portanto seus discursos adquiriam, além do caráter religioso, também contornos políticos.

Não tardou muito e, em maio de 1876, em Missão da Saúde, Antônio Conselheiro foi preso, acusado de ser foragido da justiça no Ceará, onde teria

supostamente assassinado sua mãe e sua mulher. Obviamente este foi o pretexto falacioso utilizado pelas autoridades para prendê-lo pois, como se averiguou posteriormente, não somente sua mãe havia morrido quando Antônio tinha 6 anos de idade, mas também sua mulher ainda se encontrava viva, sendo que jamais havia sido condenado pela Justiça do Ceará de crime algum, muito menos era ele foragido da Justiça sob a acusação de duplo homicídio !

Porém nada disto impediu que Antônio Conselheiro fosse preso, sem oferecer resistência por reconhecer a autoridade do monarca e acreditar ser inocente, e enviado para Quixeramobim, sendo que aí ele foi duramente espancado e seviciado pelos policiais encarregados de sua escolta durante o longo percurso até a capital Salvador.

Enviado de Salvador até Fortaleza , foi apresentado pelo chefe de polícia da Bahia como sendo um fanático perigoso que suscitava grande intranqüilidade na população ; consta em seu relatório enviado a seu colega de Fortaleza que Antônio Conselheiro ia "...embolsando os dinheiros com que , crédulos , iam lhe enchendo as algibeiras os seus fiéis , mandei-o buscar à capital , onde obstinadamente não quis responder ao interrogatório que lhe foi feito , como verá v.s. do auto junto . Era uma medida de ordem pública de que não devia eu prescindir . . . se porventura não é ele aí criminoso , peço em todo caso a v.s. que não perca de sobre ele as suas vistas , para que não volte a esta província , ao lugar referido , para onde sua volta trará certamente resultados desagradáveis , pela exaltação em que ficaram os espíritos dos fanáticos com a prisão de seu ídolo"²⁴

Em 1 de agosto de 1876 o juiz de Direito de Quixeramobim , Alfredo Alves Mateus, ao constatar a improcedência da acusação , liberta Antônio Conselheiro .

Provavelmente esta injustiça que lhe havia sido cometida abriu uma profunda chaga em sua alma , aumentando ainda mais sua desconfiança em relação às autoridades .

²⁴Idem , pag.23

Não obstante Antônio Conselheiro retornou à Bahia para se reencontrar com seus adeptos que fielmente o esperavam , para mais uma vez empreender-se na construção de obras necessárias às comunidades e para continuar suas pregações à revelia de quaisquer impedimentos que tentava-se-lhe impor.

De acordo com José Calasans , entre os anos de 1880 e 1892 Antônio Conselheiro e seus seguidores reformaram ou construíram nove igrejas e cinco cemitérios .

Antônio Conselheiro continuava sua vida de andarilho a caminhar pelos sertões do nordeste , acompanhado por seus prosélitos , auscultando os anseios e aspirações dos sertanejos , sendo solicitado a dar conselhos e mediar conflitos , fazendo suas pregações e rezas , organizando os fiéis para a construção de obras , enfim , foi passando por um longo e penoso processo de retemperagem no qual aprendia a compreender profundamente a angustiada alma sertaneja , e a partir deste aprendizado ia paulatinamente crescendo então a vontade de organizar uma comunidade onde ele pudesse se retirar com seus seguidores para fazer suas pregações sem ser perseguido e escorraçado , e afinal viver em paz , de acordo com suas interpretações dos ensinamentos da Bíblia , que certamente não se coadunavam com as atrozes injustiças com os sertanejos cometidas pelas autoridades e coronéis com as quais ele se deparara ao longo de sua árdua peregrinação pelo sertão .

A comunidade a ser fundada deveria ser um refúgio a todos aqueles que se sentissem oprimidos , espoliados e injustiçados , assim como ele o fora , ou por coronéis latifundiários , ou por autoridades e cobradores de impostos , enfim , a comunidade tinha o intento de ser um porto-seguro para aqueles dispostos a escapar do jugo dos poderosos.

Edmundo Moniz afirma que Antônio Conselheiro teria se inspirado em Santo Agostinho e em Thomas More para fundar a comunidade , pois escreve o autor :

"Em suas *Prédicas* , citava os Evangelhos e os filósofos da Igreja , especialmente Santo Agostinho , autor da *Cidade de Deus*. Numa delas , Antonio Conselheiro relata que Thomas More não quis se submeter a Henrique VIII , de quem fora Chanceler-Mor ,

preferindo a morte , apesar dos rogos da esposa , a transigir com o rei quando este rompeu com o Papa criando a Igreja Anglicana . Se Antônio Conselheiro conhecia esta passagem da vida de Thomas More é porque lera , certamente , sua biografia . E qualquer biografia de Thomas More devia conter um resumo da *Utopia* . Tudo porém leva a crer que Antônio Conselheiro chegou a ler este livro , cuja influência é tão clara na obra que se propôs a realizar".²⁵

Em 1892 várias forças policiais foram enviadas para prendê-lo novamente , após a instauração da República , uma com 35 praças , outra com um número desconhecido e outra com 80 praças , todas porém não tiveram sucesso e foram desbaratadas , pelos seguidores do Conselheiro . Consta que diferentemente do período da monarquia , quando Antônio Conselheiro se entregou sem resistência por acatar a legitimidade do governo , a República era por ele considerada usurpadora do poder do Monarca , sendo que por isso não aceitava ser levado pelas forças policiais enviadas para prendê-lo.

Devemos notar que novamente Antônio Conselheiro não havia cometido crime algum , pelo contrário havia beneficiado muitas comunidades com a construção de igrejas cemitérios e açudes , porém o que motivava esta ação policial na verdade era o temor das autoridades eclesiásticas , porquanto Conselheiro estava se tornando influente demais junto aos fiéis apesar de não arrogar para si nenhuma das atividades eclesiásticas formais como o batismo e casamento , e o temor das autoridades governamentais e grandes proprietários de terras que enxergavam no conteúdo de seus discursos proferidos para um grande número de pessoas , uma séria ameaça à perpetuação de seu domínio e à manutenção da ordem social injustamente estabelecida , que lhes era francamente favorável .

Em 1893 , em Bom Conselho , Antônio Conselheiro ordena a queima dos editais de cobrança de impostos publicada pelo governo Republicano . Imediatamente o Juiz de Direito Arlindo Leoni solicitou nova força policial para prender o Conselheiro ; esta foi enviada e novamente foi repelida em Masseté , sem alcançar seu intento . A partir daí Antônio Conselheiro sentiu a necessidade

²⁵Guerra Social de Canudos , Edmundo Moniz , p.31

premente de fundar uma comunidade distante de pressões políticas onde ele pudesse , juntamente com seus seguidores , se assentar sem serem perseguidos .

12.4. *Canudos*

Em meados de 1893 , Antônio Conselheiro chegou a Canudos, uma velha fazenda abandonada , por onde já havia estado anteriormente , acompanhado de seus seguidores .

A localização da fazenda parecia ser conveniente uma vez que era de difícil acesso, o que era vantajoso pois já se previa a possibilidade de um futura invasão da comunidade pelas forças governamentais ou por forças organizadas pelos grandes proprietários , além de se localizar próxima ao rio Vaza-Barris ou Irapiranga , fato que tem importância muito grande para o estabelecimento de qualquer comunidade e que visa garantir o abastecimento de água , problema que surge principalmente numa região árida como a nordestina .

Ao chegar a Canudos Antônio Conselheiro imediatamente se lançou ao trabalho de reconstrução da igreja velha da fazenda , trabalho este a que já estava habituado, e também à construção das casas e palhoças para abrigar seus seguidores .

A comunidade foi por ele fundada com o nome de Belo Monte ; novamente recorrendo ao historiador Edmundo Moniz :

“Canudos iria transformar-se rapidamente numa das cidades mais povoadas da Bahia . Não poderia ser chamada de arraial . O crescimento era espantoso , construindo-se até doze casas por dia . Ao se espalhar a notícia de que Antônio Conselheiro fundara a comunidade de Belo Monte sob sua única direção , independente das autoridades eclesiásticas e civis , os sertões estremeçeram.”²⁶

Como vimos então podemos inferir que a comunidade de Belo Monte realmente atendia aos anseios dos sertanejos , uma vez que a comunidade crescia a uma velocidade

²⁶Idem. p. 41

extremamente alta , sendo que as pessoas para lá se dirigiam de maneira espontânea movidas somente pela fama de Antônio Conselheiro e por aquilo que ele lhes prometia em suas prédicas .

A comunidade crescia porém de maneira relativamente organizada. Havia ruas que desembocavam na igreja central a rua da Professora, a rua da Caridade, a dos Caboclos, Campo Alegre, etc.

Antônio Conselheiro sendo ele próprio um ex-educador, dava grande importância à educação das crianças da comunidade, sendo que fundou duas escolas públicas e acompanhava de perto o aprendizado das crianças pois queria que elas aprendessem a ler, escrever e que adquirissem a educação que foi negada a seus pais .

A comunidade era praticamente auto-suficiente em termos de abastecimento , uma vez que havia cultivo de milho , feijão batata , arroz , melancia , melão , cana-de-açúcar e outros cultivos nas margens do rio Vaza-Barris.

A comunidade possuía ainda a criação de gado vacum , cavalariça , caprino e de aves. A organização econômica era feita através da estrutura de cooperativas , sendo que havia também o comércio de produtos , especialmente o couro caprino , com regiões próximas com as quais se adquiria produtos necessários à comunidade e por eles não produzidos .

A comunidade estava crescendo e prosperando a um passo jamais visto por uma cidade do sertão sendo que para ela afluía diariamente grande leva de migrantes da região para se juntar à comunidade , porém este crescimento não tardaria a ser bruscamente interrompido pelo ataque suscitado por motivos diversos , entre estes pode-se arrolar o relatório preparado pelo frei capuchinho João Evangelista Monte Marciano , a não disposição de Antônio Conselheiro para o pagamento de impostos , uma vez que deles não provinha benefício algum para os sertanejos , e também a não entrega de um carregamento de madeira para a construção da igreja nova , comprada em Juazeiro e paga adiantadamente e não recebida .

A visita de João Evangelista , um capuchinho italiano , teve o intento de dispersar as pessoas que lá estabeleceram moradia e a convencê-las a retornarem a seus lugares de origem , porém não obteve sucesso .

A respeito deste relatório escreve o historiador Marco Antonio Villa :

“ Como o objetivo do relatório foi transformar Canudos num reduto que colocava em risco as instituições republicanas , subterfúgio utilizado pelo frei para impedir o crescimento do arraial e a proliferação pela região de outros movimentos religiosos que rompessem com a Igreja Romana - as tensões na zona do Cariri ,Ceará , ocorrem nesta época - a ênfase na defesa da ordem constitucional ameaçada por um movimento restaurador passou a ser o principal elemento de acusação ao peregrino”²⁷

De fato o estopim que deflagrou o conflito foi mesmo o episódio da compra e subseqüente não entrega do carregamento de madeira , uma vez que o Juiz de Direito da cidade Dr. Arlindo Leoni , antigo juiz de Bom Conselho e o mesmo juiz que havia pedido um destacamento quando da queima dos editais , determinou o confisco da madeira , aparentemente em desforra a um acontecimento ocorrido na cidade de Bom Conselho aonde há dois anos foi obrigado a deixar a cidade temporariamente devido à invasão da cidade por conselheiristas para impedir a prisão de um homem acusado de açoitar a amante do Dr. Arlindo.

O importante , afinal , é que o episódio serviu de pretexto para o Sr. Arlindo Leoni pedir ao governador medidas imediatas para garantir a segurança da cidade de Juazeiro , pois segundo ele a cidade estava prestes a ser invadida por conselheiristas , que na verdade se dirigiam à cidade com o fito de buscar o carregamento de madeira que por direito lhes pertencia .

²⁷Canudos - o Povo da Terra. Marco Antonio Villa p.126

O início dos ataques

Foi enviada uma expedição com 113 praças a Juazeiro comandada pelo Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira com a missão de resguardar a cidade de supostos ataques de conselheiristas . O Tenente permaneceu na cidade por cinco dias , e não havendo ataque algum decidiu então se encaminhar para Canudos com o intuito de surpreender os conselheiristas no caminho para Juazeiro.

Estacionando em Uauá , após marcha de cerca de 150 Km , a expedição encontrou na estrada uma procissão com cerca de 500 canudenses , os quais carregavam estandartes , bandeiras do Divino e imagens de santos , e sem sequer pedir explicações ou dar tiros de advertência a expedição repentinamente abriu fogo e começou a disparar contra os conselheiristas , que por sua vez reagiram como puderam com facões , pedras e espingardas velhas. A batalha durou cerca de 4 horas ; morreram cerca de 150 conselheiristas e 10 soldados . Diante da ferocidade dos canudenses e da falta de munições o Tenente decidiu bater em retirada.

Este foi o primeiro conflito de dos canudenses com tropas enviadas para acabar com a comunidade de Canudos e seu líder Antônio Conselheiro , a partir daí a beligerância cresceu em uma proporção geométrica nas três expedições que se seguiram .

A segunda expedição foi pesadamente armada e equipada e era comandada pelo major Febrônio de Brito , porém também não logrou destruir Canudos pois nem mesmo chegou a atingir a cidade , sofrendo emboscadas ao longo do caminho por guerrilhas de conselheiristas que conheciam a região e se utilizavam desta vantagem estratégica com grande habilidade. Grande parte dos materiais bélicos utilizados pelos canudenses provieram do que era recolhido das tropas vencidas .

A terceira expedição foi organizada frente ao assombro da derrota da segunda com cerca de 1300 homens , 6 canhões Krupp , munições e mantimentos , sob as ordens do Coronel Antônio Moreira César , famoso por sua ferocidade na luta contra os

Federalistas no sul do país. Esta expedição alcançou Canudos e começou a bombardear a cidade , porém o comandante da expedição ao subestimar os canudenses optou por um ataque direto e foi morto durante um assalto à cidade. Sabendo da morte de seu comandante , muitos soldados começaram a debandar a frente de batalha que não havia progredido muito desde quando eles lá chegaram .

As notícias do desastre da terceira expedição e da morte do Coronel Moreira César causaram forte repercussão na imprensa , sendo que de uma hora para outra o conflito em Canudos adquiriu uma nova dimensão : de *fanáticos religiosos* passaram para *inimigos da República* .

A vitória da quarta expedição havia se tornado uma questão de honra para o exército e uma questão de segurança nacional para os Republicanos os quais incumbiram o General Artur Oscar de sair de Canudos vitorioso seja quais forem os custos em termos de vidas e equipamentos . Enfraquecidos pelos sucessivos ataques , Canudos resistia porém já não conseguia suportar a fúria de cerca de 4000 soldados , apoiados por forte esquema logístico de abastecimento e por forte artilharia. Mesmo assim os canudenses jamais alquebravam-se diante da fúria do exército republicano que rugia ferozmente nas fronteiras da cidade , arrostando as forças superiores em número e em equipamentos de guerra com a passionalidade característica de quem defende seu lar e sua família.

Favila Nunes correspondente de guerra de um jornal do Rio de Janeiro , ele mesmo um ex-militar , comenta a respeito dos constantes bombardeios feitos na cidade pela artilharia :

“Durante a noite foram lançadas noventa bombas de dinamite cujo efeito foi esplêndido, maravilhoso, causando ao inimigo enormes perdas . Uma delas caiu em um hospital ateando-se violento incêndio.

...

Mas isto era preciso , porque os jagunços são de uma atrocidade feroz , inaudita ...”²⁸

e Favila Nunes continua comentando , já nos últimos momentos da batalha , quando então os últimos combatentes de Canudos que se refugiavam em uma pequena região do

²⁸No *Calor da Hora*. Walnice Nogueira Galvão.

centro da cidade se encontravam completamente cercados , eram queimados vivos por ordem do General Artur Oscar :

“E o incêndio lavrava desesperado e violento , devorando com suas labaredas , casas , homens , mulheres e crianças , nada poupando , nada respeitando. O fétido nauseabundo da carne humana em cremação era insuportável para quem estava , como nós , a 20 metros de distância.”

E a ironia que forçosamente se impõe a quem lê estas linhas é que este jornalista que estava relatando a queimada dos moradores de Canudos e de suas casas com tamanha frieza e distanciamento estava representando aquilo que então se chamava "modernidade" contra os "bárbaros" de Canudos !

Com isso, damos por encerrada esta pesquisa. Gostaríamos de salientar que este é um episódio da história que merece sempre ser abordado e interpretado sob os mais diferentes aspectos.

Acreditamos que a análise — especialmente aquela que prima pela multidisciplinaridade — tem a capacidade criar significados, muitas vezes inéditos, para fatos até então tratados unidimensionalmente.

Essa é uma das formas de se contribuir para a construção de uma história mais eqüânime.

13. Bibliografia

- * ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Porto. Editora Presença . 1974.
- * ANDRADE , Olímpio de Sousa . História e Interpretação de “Os sertões”. São Paulo . Edart . 1966.
- * ANAIS DO SENADO . 1897.
- * ANAIS DO CONGRESSO . 1897.
- * BECKER, Robert. Cross Currents — The perils of electropollution, the promise of electromedicine. Ed. Tarcher Putnam. 1990.
- * BECKER, Robert. The Body Electric — Electromagnetism and the foundation of life. Ed. Quill. 1985.
- * BEGICH, Nick & Manning, Jeanne. Angels Don't Play This Haarp — Advances in Test a Technology. Ed. Earthpulse Press. 1995.
- * CALAZANS , José
- * CAPELATO , Maria Helena . O bravo matutino : Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo .
- * COIN, Cristina. A guerra de Canudos. São Paulo . Editora Scipione Ltda. 1992.
- * CUNHA, Euclides da. Os sertões . São Paulo . 1946.
- * DOMENACH , Jean Marie. Propaganda Política.
- * FILHO , Clóvis de Barros . Crítica à objetividade da mídia . Artigo apresentado no III Congresso Brasileiro de Escolas de Comunicação .
- * GARCIA , Nelson Jahr . O que é propaganda ideológica . Editora Brasiliense . 1989.
- * GALVÃO , Walnice Nogueira. No calor da hora . Editora Ática. 1977.
- * GALVÃO , Walnice Nogueira . Reportagens de Euclides da Cunha publicadas no jornal O Estado de São Paulo.
- * IANNI , Octavio. Raças e classes sociais no Brasil . Editora Civilização Brasileira . 2.a edição .
- * KEITH, Jim. Mind Control, Word Control. Ed. Adventures Unlimited Press. 1997.
- * LEVINE , Robert M. O sertão prometido - O massacre em Canudos. EDUSP . 1995.
- * MARX , Karl. Os Pensadores . Abril Cultural . 1978.
- * MARX , Karl. A liberdade de imprensa.
- * MONIZ , Edmundo . A guerra social de Canudos .

* NOGUEIRA , Ataliba . Antônio Conselheiro e Canudos : Revisão histórica. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha .

* NOSELLA , Maria Lourdes de Chagas . As belas mentiras - a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo . 1979.

* PRADO , Maria Lígia.

* REVISTA USP n.o 20, Dossiê Canudos. 1994.

* SEVCENKO , Nicolau . Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na I República.

* TCHAKHOTINE , Serge . A mistificação das massas pela propaganda política .

* TORRES , João Camilo de Oliveira . A propaganda política : natureza e limites .

* VILLA , Marco Antônio. Canudos , o campo em chamas. São Paulo . Ed. Brasiliense. 1992.

* VILLA , Marco Antonio. Canudos - o povo da terra . São Paulo. Editora Ática.1995.

* VILLELA , Marcos Evangelista da Costa. Canudos: memórias de um combatente . Ed. Marco Zero . 1988.

* UNESCO. Racism , science and pseudo-science . 1994.